



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

KAIQUE APARECIDO GONÇALVES E SILVA

**O caminho místico da Kabbalah: um estudo comparativo entre Dion
Fortune, Halevi e Scholem**

JOÃO PESSOA

2023

KAIQUE APARECIDO GONÇALVES E SILVA

O caminho místico da Kabbalah: um estudo comparativo entre Dion Fortune, Halevi e Scholem

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciências das Religiões como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências das Religiões.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza

JOÃO PESSOA

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586c Silva, Kaique Aparecido Gonçalves e.
O caminho místico da Kabbalah: um estudo comparativo
entre Dion Fortune, Halevi e Scholem / Kaique Aparecido
Gonçalves e Silva. - João Pessoa, 2023.
53 f. : il.

Orientação: Vitor Chaves de Souza.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Ciências das Religiões) - UFPB/CE.

1. Kabbalah. 2. Misticismo. 3. Árvore da Vida. 4.
Ciências das Religiões. I. Souza, Vitor Chaves de. II.
Título.

UFPB/CE

CDU 2(043.2)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

KAIQUE APARECIDO GONÇALVES E SILVA

O caminho místico da Kabbalah: um estudo comparativo entre Dion
Fortune, Halevi e Scholem

RESULTADO: **APROVADO** NOTA: 9

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza (orientador)
UFPB

Prof. Dra. Maria Lucia Abaurre Gnerre (examinadora)
UFPB

Prof. Dr. Valter Ferreira Rodrigues (examinador)
UFPB

João Pessoa, 31 de outubro de 2023.

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento é dedicado aos meus mestres ancestrais, aos meus guias, aos meus orixás. Agradeço a Entidade Superior que no meu limitado entendimento rege e ordena toda a TOTALIDADE do mundo físico onde existimos e os incontáveis outros mundos e planos que existem e não vemos. Expresso com intenção e plena gratidão por ter me permitido chegar até aqui;

Meu segundo agradecimento é dedicado a uma pessoa extremamente importante em todo esse processo: EU, porque se não fosse por mim, nada disso teria acontecido, senão houvesse vontade, curiosidade, alegria, desafios e lágrimas nada disso teria a verdadeira importância que tem. E como têm! Portanto, muito obrigado Kaique Aparecido Gonçalves e Silva por não ter desistido e jamais esmorecido mesmo com todos os obstáculos vivenciados;

Agradeço a minha mamãe Zulma Aparecida Gonçalves Silva e ao meu papai João José da Silva Sobrinho por sempre, sempre me apoiarem e me incentivarem a ser um ser humano melhor todos os dias;

Agradeço a minha vovó Raimunda por todo o amor, preocupação, cuidado e confiança plena no caminho que escolhi seguir;

Agradeço ao meu amado irmão Alfredo Henrique por toda a amizade que ao longo de anos pudemos nutrir. Pelas conversas e provocações;

Faço **um agradecimento especial** ao meu orientador, professor e amigo Vitor Chaves de Souza pela confiança, liberdade, orientações, conversas a todo o momento que precisei. Ele prontamente supriu e atendeu todas as demandas. Obrigado professor Vitor;

Agradeço ao departamento de Ciências das Religiões, ao corpo docente.

Agradeço a Totalidade por ter me presenteado com os meus amigos e amigas daqui desta terra maravilhosa chamada João Pessoa: **Luiz Fernando Santos de Lima, José Carlos Ferreira dos Santos** e a todos os outros a quem diretamente ou indiretamente tive a oportunidade conversar, conhecer e aprender algo.

EPÍGRAFE

O que te escrevo é um “isto”. Não vai parar: continua.

Olha para mim e me ama. Não: tu olhas para ti e te amas. É o que está certo.

O que te escrevo continua e estou enfeitiçada.

Clarice Lispector – Água viva

RESUMO

Este estudo teve como principal objetivo analisar e comparar uma teoria crítica com duas teorias mística-esotéricas. Nossas análises têm como aporte três autores que tratam do universo científico-místico-esotérico conhecido como Kabbalah. Para tanto, buscamos expor a essência central do pensamento de Scholem, Dion Fortune e Halevi. Neste sentido, buscar-se-á apresentar a leitura de três símbolos conceituais que se encontram no núcleo mais esotérico do pensamento cabalístico: *aquilo que é oculto*, as *sephiroth* e os *três véus da existência*. Para este percurso temos como procedimento metodológico o quantitativo, pois é por intermédio dele que estabeleceremos um caminho tanto hermenêutico, quanto uma leitura analítica acerca de como o conhecimento pode nascer *nada*; em contraponto ao conhecimento científico. Esse trabalho se divide em três capítulos: o primeiro ficará a cargo de apresentar as explanações do filósofo, historiador e Cientista das Religiões Gershom Scholem sobre a ciência kabalística. O segundo capítulo apresentará a mística cabalista, assim como o significado das sephiroth contida na obra *A Cabala Mística*. Nosso terceiro e último capítulo versa sobre a obra *A Árvore da vida (cabala)*, com ênfases no símbolo dos *três véus da existência negativa*. Em suma, nossas leituras almejam estabelecer uma percepção contemporânea, crítica e científica acerca do fenômeno que esse encontra encerrado no símbolo *Árvore da Vida* cabalística.

Palavras Chaves: Kabbalah; Misticismo; Árvore da Vida; Ciências das Religiões.

ABSTRACT

This study's main objective was to analyze and compare a critical theory with two mystical-esoteric theories. Our analyses are supported by three authors who address the scientific-mystical-esoteric universe known as Kabbalah. To this end, we sought to expose the central essence of the thought of Scholem, Dion Fortune, and Halevi. In this sense, we will seek to present the interpretation of three conceptual symbols found in the most esoteric core of Kabbalistic thought: that which is hidden, the sephiroth, and the three veils of existence. For this journey, our methodological procedure is quantitative, as it is through it that we will establish both a hermeneutical path and an analytical reading regarding how knowledge can be born from nothing; in counterpoint to scientific knowledge. This work is divided into three chapters: the first will be responsible for presenting the explanations of the philosopher, historian, and Religious Studies Scholar Gershom Scholem on Kabbalistic science. The second chapter will present the Kabbalistic mystic, as well as the meaning of the sephiroth contained in the work *The Mystical Qabalah*. Our third and final chapter addresses the work *The Tree of Life* (Kabbalah), with an emphasis on the symbol of the three veils of negative existence. In summary, our readings aimed to establish a contemporary, critical, and scientific perception of the phenomenon enclosed in the symbol of the Kabbalistic Tree of Life.

Keywords: Kabbalah; Mysticism; Tree of Life; Sciences of Religions.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
1. CAPÍTULO I.....	15
1.1. Kabbalah: uma ciência oculta contida na cosmogonia judaica	16
1.2. A essência da Kabbalah na ciência.....	18
1.3. O caminho da Kabbalah prática.....	22
2. CAPÍTULO II	24
2.1. O que é a cabala mística?	25
2.2. Otz Chiim e as Sephiroth.....	34
3. CAPÍTULO III	40
3.1. O caminho da Tradição.....	41
3.2. Primeiro véu - <i>Ain</i>	45
3.3. Segundo véu - <i>Ain Soph</i>	48
3.4. Terceiro véu - <i>Ain Soph Aur</i>	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

A Kabbalah pode ser definida como um conhecimento esotérico¹ judaico. Em hebreu, ela é nomeada por QBLH, *Qabalah*, que é uma derivação da raiz QBL, *Qibel*, que significa “receber”. Cabe, inicialmente, esclarecer que o leitor encontrará grafias diferentes para uma mesma palavra hebraica, por exemplo: *Kabbalah*, *Qabalah*, *Cabala*; portanto as palavras hebraicas neste trabalho correspondem fielmente à grafia utilizada nas edições originais dos autores citados. Por este entendimento, tal denominação vem do costume de transmitir conhecimentos esotéricos oralmente. Essa transmissão está estreitamente ligada à tradição. Sua origem é estipulada no texto judaico *Sefer Yezirah* – Livro da Criação, sendo atribuída sua criação ao patriarca Abraão. Contudo, de acordo com Scholem:

Pode-se postular que a maior parte do *Sefer Yezirah*, embora contenha acréscimos pós-talmúdicos, foi escrita entre o terceiro e o sexto séculos, aparentemente na Palestina, por um judeu devoto com inclinações para o misticismo, cujo objetivo era mais especulativo e mágico que extático² (Scholem, 1974, p. 27-28).

Ainda que a origem de um caminho de estudos esotéricos faça parte da cosmogonia judaica, é incerto precisar sua origem, logo onde teria surgido a primeira menção à Kabbalah? A partir deste questionamento nortearíamos nossa pesquisa historiográfica comparativa entre três bibliografias: *A Cabala Mística*³ de Dion Fortune, a obra *A Árvore da vida (cabala)* de Z’ev bem Shimon Halevi⁴ e *Cabala* de Gershom Scholem⁵. Nosso trabalho buscou apresentar como a Kabbalah é vista e entendida por cada um destes autores, assim nosso primeiro capítulo ficará por conta do pensamento científico de Scholem, nosso segundo capítulo apresentará o pensamento místico de Fortune e, por fim nosso último capítulo trará a Tradição Kabalística lida por Warren Kenton. Deste modo, também pretendemos analisar e apresentar

¹ A etimologia de esotérico nos remete ao vocábulo grego “esoterikós” que significa peculiar aos de dentro, da intimidade. Este adjetivo é usado para descrever o que é velado, confidencial ou oculto. O esotérico, portanto, é algo difícil de entender, pois o acesso à sua essência é complicado. Quando o termo é associado a uma doutrina, refere-se ao conhecimento que é transmitido apenas aos discípulos ou seguidores que são iniciados no assunto em questão.

² No original: it may be postulated that the main part of *Sefer Yezirah*, though it contains post-talmudic additions, was written between the third and sixth centuries, apparently in Palestine by a devout Jew with leanings toward mysticism, whose aim was speculative and magical rather than ecstatic.

³ Pseudônimo de Violet Mary Firth Evans (☼ 06 de dezembro de 1890 - † 8 de janeiro de 1946) foi uma psicóloga e ocultista Galesa.

⁴ Nome em hebraico do professor e escritor Warren Kenton (☼ 8 de janeiro de 1933 - † 21 de setembro de 2020).

⁵ Nascido em Berlim, ☼ 5 de dezembro de 1897 – †Jerusalém, 21 de fevereiro de 1982, foi um importante filósofo, matemático, teólogo, cientista da religião e historiador judeu-alemão.

nossa leitura acerca do método histórico-científico scholeminiano em face da mística contida no entendimento dos últimos autores respectivamente.

Assim, no curso deste trabalho monográfico será possível compreender e separar o entendimento científico daquilo que a corrente esotérica mística entende como um “conhecimento teórico do eu ou uma filosofia puramente intelectual sobre o Universo, embora isso tenha um lugar legítimo. Ele procura, sim, um nível mais profundo de compreensão” (Regardie, 2003, p. 31). Tal conhecimento acerca do sujeito, para a Kabbalah, representa um acesso por onde passa um saber que transcende o tempo, ao passo que tal entendimento busca orientar aos seus(as) estudiosos(as) com auxílio de uma abordagem alegórica e simbólica.

Logo, dentro da cosmovisão Cabalística pode-se encontrar em nível do fenômeno que apresenta o caminho para uma ruptura entre o estado de incipiência de quem se dispõe a caminhar nesse deserto com a percepção do fenômeno de uma divindade. Todavia, como metodologia abordar-se-á estudo hermenêutico e fenomenológico sobre o hieróglifo da Árvore da Vida. Que representa o caminho por onde criação foi criada e emanada dentro do sistema místico-esotérico da Kabbalah.

Em fundamento esse conhecimento judaico teológico aponta, nas palavras de Halevi uma denominação de uma tradição viva, pois para ele a Kabbalah é vista como uma “escola, um corpo de textos ou uma pessoa” (Halevi, 1994, p. 84). Por esse caminho, podemos pensar que tal estudo sempre foi posto como algo contínuo, ou seja, que transcende o espaço-tempo, porém só é revelado mediante ao símbolo expresso no diagrama da *Otz Chiim*⁶ (Árvore da Vida). Tal sistema de símbolos apresenta o que se conhece como, “uma tentativa de reduzir à forma diagramática as forças e fatores não só do universo manifesto como também da alma humana” (Fortune, 1957, p. 15).

Os primórdios da Kabbalah estão envoltos em mistérios e lendas. Uma delas diz que o arcanjo Raziel ensinou a Kabbalah a Adão, depois que este foi expulso do Éden. Outra lenda conta que Moisés desceu do monte Sinai com as tábuas dos Dez mandamentos e que nelas estavam escritos princípios Kabbalísticos; dentro desses mitos históricos, o que se sabe e se tem como certo é que a arte de receber trouxe em seu bojo um vasto e complexo sistema de símbolos, chaves e caminhos.

Ao criar uma disciplina sobre a Cabala, Scholem promove por intermédio da historiografia uma revolução ao tornar relevante uma investigação acerca de uma análise cronológica, crítica da religiosidade, em específico a mística cabalística, ele apresenta

⁶ Nome em hebraico para Arvore da Vida.

questionamentos sobre o mistério daquilo que não é racional. Esse movimento busca a Ciência do Judaísmo o que se justifica como Scholem percebe a construção do judaísmo. Para ele a cabala estava à beira da heresia desde que tomara de empréstimo o seu mito no campo do “gnosticismo dualista”; logo de acordo com um de seus renomados interpretes: “o gnosticismo rejeitava frequentemente toda lei, vista por ele como oriunda do desenhado Deus criador; o antinomismo tornou-se um gesto niilista de rebelião contra sua tirania” (Biale, 2004, p. 66). Tal ruptura procurava ajustar-se às exigências *espirituais* positivistas da cosmovisão judaica. Para o historiador da mística judaica, é possível entender como a historiografia promove uma crítica ao judaísmo, estabelecendo um percurso reflexivo que pensa o esoterismo não mais como uma tentativa de aculturação intelectual ao *modus vivendi*, mas ao contrário disso, ela passa a pensar uma trajetória apologética, assimiladora e enrijecida contida na corrente mística-judaica como um fluxo originariamente histórico. É por isso que a historiografia empreendida por Scholem é também uma contra-resistência e, por conseguinte uma superação da *Wissenschaft des Judentums*⁷ tradicional.

A cabala é uma sabedoria esotérica que apresenta como acontece a criação do universo, assim como o espírito do ser humano é criado. Ela também descreve as especificidades do desenvolvimento do indivíduo dentro de um sistema que à primeira vista nada representa. Todavia, dentro do diagrama da árvore da vida surge uma simbologia que permite, com um olhar mais detalhado, que tal diagrama conceba a totalidade contida na cosmologia judaica. Diante dessa cosmogonia mística, a história edifica o mito que perpetuado ao longo de toda a tradição, o que é pensado por Scholem como uma força vital que surgia para apropriar-se de símbolos mitológicos. Em outras palavras: “o judaísmo representa uma forma clássica de uma sociedade religiosa baseada na Tradição de uma maneira especialmente acentuada, em que a tradição era o poder de sustentação das forças vitais que aqui encontram sua expressão” (Scholem, 1995, p. 130). Esta historiografia empreendida pelo cientista da religião considera a mística judaica como um contra movimento periférico, que cria um novo paradigma para o judaísmo recém liberto dos domínios babilônicos.

Ora, as ponderações históricas sobre as incursões dos movimentos místicos e apocalípticos, não excluí quaisquer possíveis interpretações tanto teológicas, quanto o próprio mistério que é pensado e analisado a partir do crivo do saber científico tradicional. Ora, a ficcionalidade e experiência religiosa, enquanto fenômeno, aborda como objeto de pesquisa

⁷ Ciência do Judaísmo.

uma determinada manifestação de fé – no caso, o misticismo judaico – e, por outro lado a cientificidade dessa abordagem apresenta critérios que proporcionam uma outra compreensão aos estudiosos do fenômeno religioso.

Este trabalho busca apresentar dentro das Ciências das Religiões uma análise comparativa entre duas linguagens distintas (imagética/religiosa e lógica/racional). A primeira poderia ser pensada dentro das estruturas que sustentam a emanção do princípio de tudo, a partir do *Ain*⁸. Logo, do nada surge o Tudo Infinito – *Ain Soph*. E por consequência do Tudo Infinito emerge a Vontade – *Ain Soph Aur*.

Se podemos definir as alegorias como a representação de algo exprimível por outro algo exprimível, o símbolo místico é uma representação exprimível de algo que se encontra além da esfera da comunicação e da expressão, algo que vem de uma esfera cuja face, por assim dizer, está voltada para dentro e afastada de nós. Uma realidade oculta e inexprimível encontra sua expressão no símbolo (Scholem, 1995, p. 28-29).

No curso das próximas páginas, buscamos apresentar um estudo comparativo entre as duas linguagens mencionadas acima, como também o conhecimento que percorre uma via de mão dupla: de um lado se tem o incognoscível esotérico e do outro a ciência lógica exotérica. Nesse ínterim, nossa análise comparativa transitará entre a história da tradição mística Kabalística com a ciência histórica moderna que busca interpretar a sabedoria do conhecimento esotérico. A partir de um método descritivo, almejamos também oferecer uma percepção acerca do que entendemos por oculto que se encontra contido numa tradição milenar trabalhada por Fortune e Halevi.

Com auxílio dos autores supramencionados que tratam sobre a Kabbalah iremos apresentar a ideia que ambos concebem acerca de tal tradição. Suas proposições teológicas vão por um caminho daquilo que é manifesto através da dialética. É nesse ponto que acontece a inserção de Scholem, pois, o mesmo não recai na difícil tarefa intelectual que nega a mística como aquelas teorias niilistas ou pós-modernas que recaem num emaranhado de contradições teoricamente paralisantes. Ele, por outro lado analisa como a ciência acadêmica percebe a limitação atribuída ao místico. É nesse momento que sua contribuição, para nós, é de grande valia, pois o *modus operandi* da ciência se apresenta como uma possível associação com o misticismo, logo é por tal caminho que nós iremos analisar o caminho do conhecimento.

Mediante este entendimento podemos pensar que o discurso estaria fora de um tempo cronológico, mas estaria percorrendo um recurso linguístico temporal, isto é, “o tempo da ausência do tempo não é dialético. Nele o que se manifesta é o fato de que nada aparece, o ser

⁸ Significa: coisa alguma, é onde reside o incomensurável mistério que emana do nada o Tudo.

que está no fundo da ausência de ser, que é quando nada existe, que deixa de ser quando existe algo” (Blanchot, 1987, p. 21). As construções alegóricas, imagéticas e metafísicas que compõe a mística Kabbalística se apresentam na pena de Fortune como uma ciência esotérica do seu tempo, logo sua essência parece ser preenchida por uma substância indivisível em ato, porém criadora de tudo que vem depois desde o mundo espiritual - universo, até a mais bela flor - plano físico.

Seria, então, por este trajeto que a palavra é vista abdicando si mesma para desvelar aquilo que É? A partir de tal indagação, buscamos com auxílio de um pensador moderno apresentar nossa modesta compreensão acerca do símbolo que manifesta aquilo que é Imanifesto dentro do diagrama da *Otz Chiim*, ou seja, dentro do estudo entre as religiões existe um poder simbólico que expressa, de acordo com o crivo de Bourdieu o “poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer (...) só se exerce se for reconhecido” (1989, p. 14). O poder simbólico é uma forma transformada e legitimada em primeira ordem com a palavra. Logo, é necessário que entendemos o que significa a – Palavra; partimos da teoria crítica literária para pensarmos a ideia sobre o – Nada – que encontra-se dentro do não-dito, por compreendermos que a dimensão da escrita acadêmica é um fator condicionante para o texto e, por conta das barreiras neurolinguísticas que a própria linguagem concebe, contaremos com o pensamento de Maurice Blanchot sobre como a linguagem pode elevar uma nulidade:

Silenciosa da fala corrente para o silêncio consumado pela apoteose do desaparecimento, tudo está presente na ausência de tudo? Isso não poderia ser [...] falar ainda não é mais do que a sombra da fala, linguagem que ainda não é mais do que a sua imagem, linguagem imaginária e linguagem do imaginário aquele que ninguém fala (Blanchot, 1987, p. 41-42).

A partir de Blanchot e sua teoria acerca da linguagem escrita e linguagem essencial, consideramos que esta estrada, por onde nossas análises e comparações entre os dois ocultistas com o pesquisador e historiador Scholem, assim também contamos o outro pilar - Bourdieu que sustentará o conceito - ideia, *símbolo*, assim podemos supor de modo sólido que as margens entre palavra e símbolo encontram-se enlaçadas.

Portanto, até onde nosso estudo hermenêutico alcançar a palavra escrita, adentraremos na essência do Símbolo esotérico contido no diagrama da *Otz Chiim*. Nossa leitura versará em inserções analíticas sobre o que representa o abismo do Conhecimento e como esse símbolo conduz ao entendimento outra realidade possível acerca daquilo que é estabelecido por conhecimento místico.

1. CAPÍTULO I

A IDEIA

De onde ela vem? De que matéria bruta

Vem essa luz que sobre as nebulosas

Cai de incógnitas criptas

Como as estalactites duma gruta?!

Vem da psicogenética e alta luta

Do feixe de moléculas nervosas,

Que, em desintegrações maravilhosas,

Delibera, e depois, quer e executa!

Vem do encéfalo absconso que a constringe,

Chega em seguida às cordas do laringe,

Tísica, tênue, mínima, raquítica...

Quebra a força centrípeta que a amarra,

Mas, de repente, e quase morta, esbarra

No molambo da língua paralítica!

1.1. Kabbalah: uma ciência oculta contida na cosmogonia judaica

A Kabbalah é observada por Scholem com auxílio do método científico ao longo do curso histórico e, é vista como uma espécie de mito. Logo ele entende que a função do mito dentro da cosmologia judaica representa um marco fundante que aponta para o oriente dessa religião monoteísta, ao passo que conduz o caminhante para um futuro onde a teologia é superada com a racionalidade da ciência. Em face do uso que a tradição cabalista fazia do mito, a asserção scholemiana sobre o *mito monoteísta* ele identificou que a literatura ocupa um lugar importante no desenvolvimento do esoterismo e do misticismo, porque: “ela está conectada por inúmeros pontos a tradições externas e as seus limites no *Talmud* e nos *Midrashim*, e essas tradições às vezes se explicam mutuamente. Além disso, a literatura esotérica contém uma riqueza de material que não se encontra em nenhuma outra parte⁹” (Scholem, 1974, p. 14).

Para Scholem outras literaturas gnósticas não judaicas apresentam fortes conexões com a literatura da Merkavah e a literatura teúrgica hebraica. Sendo um dos possíveis motivos que corrobora no seu entendimento sobre a kabbalah ser uma espécie de gnose tardia da idade média, cuja função basilar era sustentar uma dualidade cosmogônica, entre a mística antiga – em específico a judaica – com uma espécie de literatura gnóstica da Idade Média. Esse apontamento apresenta uma historiografia realizada no século XIX sobre textos clássicos datados do século VII ou VIII elaborados por judeus ortodoxos dos séculos II ou III. Ao projetar o pensamento, Scholem, David Biale descreve como o movimento religioso do gnosticismo operou na antiguidade tardia:

A crise do helenismo filosófico durante esse período produziu um ressurgimento da religiosidade na área do Mediterrâneo, e o gnosticismo tornou-se um dos mais importantes desses movimentos religiosos, tanto nos meios pagãos quanto cristãos. Os gnósticos propunham uma teologia dualista em que o Deus criador era mau e o Deus oculto, bom (Biale, 2004, p. 56).

⁹ Original: “It is connected at innumerable points with traditions outside its boundaries, in the Talmuds and Midrashim, and these traditions sometimes explain each other”

Por intermédio dessa crise, Scholem estabelece um diálogo com outros pensadores de sua época, como por exemplo, Graetz, que propunha pensar o gnosticismo como uma “*heresia cristã*”, contrária ao judaísmo. Por esse entendimento Scholem considera o gnosticismo um seguimento à qual ele edifica com auxílio de sua argumentação crítica a história da mística judaica, fornecendo um caleidoscópio que expõe importantes questões acerca, dentre elas podemos suscitar: o gnosticismo seria uma parte estrutural do pensamento por onde a Kabbalah acessa dentro do diagrama da *Otz Chiim* formas de conhecimentos que buscam o racionalismo religioso?

Acerca de tal proposição cogitamos duas possíveis respostas; primeira de acordo a história do gnosticismo judeu, para Scholem, assim como a Cabala, ambas fazem parte da “dialética interna da história judaica mais do que um resposta ao gnosticismo cristão ou pagão” (Biale, 2004, p. 59). Já a segunda possível resposta parte de nossa análise, onde há uma passagem daquilo que é considerado misticismo, para uma historicidade que vê o mito como um movimento pendular, em outras palavras, “esse momento representa realmente o fim do movimento como força viva; daí por diante ele degenerou em mera literatura” (Biale, 2004, p. 51).

Pensando acerca do que foi dito entendemos que o lado oculto da Kabbalah encontra-se contido nos símbolos, nos nomes sagrados, nos textos dos esoteristas que partem desde a cabala luriânica, isto é, de Isaac Luria. Como princípio edificador todos os sistemas cabalísticos têm sua origem numa distinção fundamental que versa sobre o problema teológico do Divino. Assim, para Scholem, os ensinamentos esotéricos da Kabbalah apresentam opiniões diferentes sobre a natureza do oculto, não obstante à manifestação, ou seja:

O problema todo da criação, mesmo em seus aspectos mais recônditos, está ligado à revelação do Deus oculto e Seu movimento para fora – muito embora “não haja nada fora Dele” (Azriel), pois em última análise “tudo vem do Um, e tudo retorna para o Um”, segundo a fórmula neoplatônica adotada pelos primeiros cabalistas. Nos ensinamentos cabalísticos, a transição de *Ein-sof* para a “manifestação”, ou para o que se pode chamar de “Deus Criador”, está associada à questão da primeira emanação e sua definição¹⁰ (Scholem, 1974, p. 90).

¹⁰ No original: “The whole problem of creation, even in its most recondite aspects, is bound up with the revelation of the hidden God and His outward movement – even though “there is nothing outside Him” (Azriel), for in the last resort “all comes from the One, and all returns to the One,” according to the neoplatonic formula adopted by the early kabbalists. In kabbalistic teaching the transition of Ein-Sof to “manifestation,” or to what might be called “God the Creator,” is connected with the question of the first emanation and its definition”.

Por consequência desse problema apresentado, a Kabbalah do século XIII passou de sujeito ativo para um predicado da tradição; assim pensar tal conhecimento como uma ciência de porões é um tanto quanto tendencioso. Entretanto, Scholem constituiu sua discussão sobre a *Merkabá* a partir da tese de Graetz, onde ele descarta toda sua interpretação alegórica. Em sua ótica historicista, tais textos constituem um corpus de metáforas que foram amalgamados e trazem especulativos conhecimentos esotéricos. Ainda prossegue em sua análise acerca do *Shiur Komá*¹¹, para ele tal texto não passa de uma tentativa de monetizar temas antropomórficos da mística judaico-cabalista. Ou seja, pode-se compreender nesta discussão que o gnosticismo judaico existiu antes do gnosticismo cristão, emergindo talvez dos séculos II e III d.C

1.2. A essência da Kabbalah na ciência

Os estudos acerca do tema Kabbalah podem ser examinados em sua tese de doutorado sobre o livro *Sefer há-Bahir*, Scholem trouxe importantes questionamentos de cunho filosófico, dentre os quais ele separou suas críticas tanto ao movimento sionista quanto a própria estrutura teológica do judaísmo, assim para ele tal ruptura com um movimento conservador era necessário, pois permitiria que sua história sobre a cronologia dos textos fundantes ganhasse liberdade do caminho tradicional. Assim podemos entender que a Kabbalah não é apenas um sistema único, ela contém também:

Princípios básicos que podem ser explicados de maneira simples e direta, mas consiste em uma multiplicidade de abordagens diferente, amplamente separadas e às vezes completamente contraditórias. Não obstante, desde o aparecimento do Sefer ha-Bahir, a Cabala possuiu um espectro comum de símbolos e ideias que seus seguidores aceitaram como uma tradição mística, embora diferissem na interpretação do significado preciso dos símbolos, nas implicações filosóficas intrínsecas a eles e também nos contextos especulativos através dos quais se tornou possível considerar essa estrutura comum como uma espécie de teologia mística do judaísmo¹²(Scholem, 1974, p. 87).

¹¹ O Shi'ur Qomah é um texto midráxico que faz parte da literatura Heichalot. Ele pretende registrar, em termos antropomórficos, os nomes secretos e as medidas precisas dos membros e partes corpóreas de Deus.

¹² No original: “basic principles which can be explained in a simple and straightforward fashion, but consists rather of a multiplicity of different approaches, widely separated from one another and sometimes completely contradictory. Nevertheless, from the date of the appearance of the Sefer ha-Bahir the Kabbalah possessed a common range of symbols and ideas which its followers accepted as a mystical tradition, although they differed from one another in their interpretation of the precise meaning of these symbols, of the philosophical implications inherent in them, and also of the speculative contexts through which it became possible to regard this common framework as a kind of mystical theology”.

Por esse contexto, o esoterismo é um caminho que é repleto por símbolos, sigilos, rituais místicos, dentre outros. Além disso, esse percurso é dialeticamente acrescido por especulações discursivas. Esse é ponto *punctum pruriens* da questão; Scholem rompe com toda a tradição abrindo o campo para se questionar o caráter universal abstrato do *UM indivisível*. Como ponto do entendimento, Scholem, se afasta das imanes *sefirot* que foram emanadas do absoluto vazio (*ein sof* [sem fim]). Sob sua pena crítica, a mística cabalística é lida dentro do cronus, isto é, a cronologia é a priori e não visa descrever mais a criação do Universo dentro de múltiplos autores. Para tanto, Biale também nos apresenta que o embasamento que Scholem usou para refutar a ideia difundida entre os neoplatônicos que enfatizavam uma interpretação errônea, que os sephiroth eram hipostasias dos atributos de Deus, assim a doutrina rabínica tradicional da *creatio ex nihilo* se depara com o seguinte problema:

A Filosofia emanacionista é sua incapacidade de explicar por que o Um indiferenciado haveria de querer diferenciar-se e desse modo, criar o mundo diversificado. A errônea interpretação cabalística do neoplatonismo era fecunda porque abria a possibilidade de diferenciação no seio do próprio divino, indicando assim uma solução ao problema filosófico. Ao jogar com formulações heréticas, a Cabala negava a filosofia, mas também resolvia questões filosóficas (Biale, 2004, p. 64).

Ao passo que se identificou a necessidade da Filosofia em responder tal paradoxo, a concisa estrutura de estudos historiográficos realizado por Scholem, no que tange à tradição cabalística, forneceu uma segurança para que ele pudesse contestar metodologicamente as determinações esotéricas, sem descartá-las totalmente, para, então, criar um novo estudo dentro das ciências das religiões. Ele inicia uma sistematização para compreender e apreender tanto o espectro de símbolos desde a cabala antiga até o período de Safed, isto é, a teoria das *sephiroth*, a tradição cabalística apresenta sua verdadeira origem a partir cosmologia daquilo que Dion Fortune explicou como cabala mística, assim uma nova ordem histórico-dialética que surja, estaria entre o dualismo teológico existente na mística judaica.

Scholem buscou assinalar que a cosmologia da religião judaica poderia ser melhor entendida se ocorresse com auxílio de uma reflexão histórica. Assim o historiador dedicaria um olhar mais cronológico e cuidadoso às tradições marginalizadas e perseguidas. A nova ciência do judaísmo (*Wissenschaft des Judentums*) orientada pelo seu método científico apresenta uma ruptura entre a história com o messianismo judaico. As correntes messiânicas e místicas serão objeto de sua investigação ao longo de toda sua vida, orientadas, como Nachman Falbel destaca, pelo ponto de vista metodológico:

O messianismo judaico acompanhou a história dos judeus desde a antiguidade e à medida que o próprio judaísmo moldava-se ao sabor do tempo, devido a influências externas e ao contato com civilizações e culturas, a ideia messiânica também incorporava para si elementos novos que deveriam preencher as expectativas intelectuais das comunidades da Diáspora. A ideia messiânica nascida no período bíblico alimentou-se das tensões durante e após o domínio greco-romano na Palestina e de imensas forças espirituais que giravam ao redor da esperança no restabelecimento da monarquia davídica e sempre encontrou um campo história da vida judaica em tempos posteriores (Falbel, 1995, p. 208).

Associada a essa perspectiva, Scholem procurou equiparar as experiências messiânicas a elementos principais da história do judaísmo com uma metodologia mais adequada a esse objeto. A sua marca fundamental para essa reviravolta nos estudos judaicos foi a fluência no idioma hebraico. A partir disso, ele buscou não separar como era feito, mas sim estabelecer um diálogo entre sua contra-tradição histórica dialética com a tradição e sua mística. Isso foi possível com exaustivos estudos comparativos e críticos a partir de fontes cabalistas medievais. Sua ruptura com a tradição judaica expõe uma ciência cabalística exotérica, isto é uma ciência aberta para todos acontece com auxílio de uma crítica que versa sobre:

A teosófica e a teológica, são igualmente evidentes na especulação cabalística sobre as sefirot em geral e sua relação com o Emanador em particular. Em se tratando do desenvolvimento sequencial das sefirot, por outro lado, e da função individual de cada sefirah, especialmente da segunda sefirah em diante, um forte elemento gnóstico e mítico começa a predominar. Os cabalistas continuamente enfatizaram a natureza subjetiva de suas descrições [...] Assim havia uma justificativa básica para um sistema simbólico abrangente e único. Uma realidade interior que desafia as caracterizações e descrições porque está além de nossa percepção só pode ser expressa simbolicamente¹³ (Scholem, 1974, p. 105).

Assim é possível encontrar semelhanças entre as correntes filosóficas, teológicas e teosóficas que floresceram, especialmente no Oriente e em *Al Andalus* (a Espanha islâmica), nas três religiões abrahâmicas. Tendo como influência comum a recepção do pensamento grego, transmitida através da *falsafa* (filosofia islâmica) e estimulada pelos governantes muçulmanos. Deixando à vista uma Kabbalah científicada, Scholem escreve sobre este processo a partir das traduções que fazia dos textos basilares da cosmologia judaica, aliado ao

¹³ No original: “Both theosophical and theological approaches are equally evident in kabbalistic speculation about the Sefirot in general and their relationship to the Emanator in particular. When it comes to the sequential development of the Sefirot, on the other hand, and to the individual function of each, especially from the second Sefirah onward, a strong Gnostic and mythic element begins to predominate. The kabbalists continuously stressed the subjective nature of their descriptions [...] Hence there is basic justification for a single comprehensive symbolic system. An inner reality that defies characterization or description because it is beyond our perception can only be expressed symbolically”

acesso à cultura e ao estudo do idioma hebraico e árabe pelas comunidades judaicas, influenciando toda sua produção intelectual.

Nesse ínterim, essa ruptura não descarta totalmente as origens da Kabbalah medieval com Schlomo Ibn Gabirol século XI, principal representante da filosofia neoplatônica, cuja obra mais célebre é *A fonte da vida* - em latim *Fons Vitae*. Ele pode ser considerado como um dos fundadores da Kabbalah especulativa, cujos pensamentos influenciaram nomes como Ezra e Azriel de Gerona, Isaac Ibn Latif e outros cabalistas posteriores no período da Idade Média no qual se desenvolve. Acerca da superação das ideias platônicas e aristotélicas, esse momento é fundante para que sua historiografia acerca da mística judaica pudesse questionar a ortodoxia tanto do método científico que até aquele momento não pensava ou investigava o misticismo, quanto do mito gnóstico da Cabala, assim emerge a nova ciência judaica (*Wissenschaft des Judentums*).

A filosofia scholemiana da história judaica argumenta, contra o racionalismo dogmático do século XIX, que a história judaica consiste de uma produtiva conjunção de opostos: mito e racionalismo, messianismo restaurativo e apocalíptico. A tradição judaica é governada por um incessante conflito dinâmico entre essas forças que se opõem. Por trás dos cuidadosos estudos dos textos cabalísticos efetuados por Scholem está essa concepção fundamentalista dialética do desenvolvimento da história (Biale, 2004, p. 131).

Do ponto de vista da história, Scholem se apresenta como um contumaz crítico do messianismo que banhava e, de certo modo vedava o acesso ao conhecimento místico contido na ciência cabalística. Por esse entendimento, à ciência do judaísmo de sua época dizia respeito ao tratamento metodológico das correntes messiânicas e místicas. Até aquele momento, os estudiosos da tradição judaica tendiam a ver as correntes cabalistas como pedaços de uma tradição obscura a ser esquecida. Por ser considerada uma corrente herética, cujas literaturas e a própria linguagem sempre estavam trancadas com símbolos e sigilos, logo:

O problema da linguagem é particularmente agudo na avaliação das experiências místicas, já que o místico tem de exprimir suas experiências do infinito em linguagem finita. Além do mais, a maioria dos místicos sente um desejo extraordinário de comunicar sua experiência, mesmo quando reconhecem a impossibilidade de fazê-lo. Como é que o historiador da religião pode avaliar tais expressões linguísticas? (Biale, 2004, p. 133).

A posição adotada e defendida por Scholem considera a própria linguagem sendo ela de origem divina, sendo ela esotérica. Pois para ele a linguagem é ambigualmente divina e humana. Por esse entendimento nos deparamos como um problema: se a linguagem pretende

revelar algo que se encontra na *luz sem fim* ou naquilo que é *sem limite*, tal desvelamento permanece silente ao indivíduo ou passa a se tornar uma nova tradição, que comunica o incomunicável dentro da crença que a linguagem carrega? Para essa indagação não dispomos de uma resposta precisa e acabada, contudo apontaremos possíveis caminhos dentro do pensamento do historiador judeu.

1.3. O caminho da Kabbalah prática

Até aqui, transitamos por um caminho místico dentro da Árvore sefirotica que se apresenta em dimensões - representada pelas dez Sephiroth. Além disso, tratamos sobre Daat que segundo a mística cabalística significa o abismo de onde todo o conhecimento emerge, cuja origem advém da emanção gradativa dos três véus da existência negativa da Kabbalah. Não obstante, também pensamos sua estrutura dentro da filosofia scholemiana. Nesse sentido, é pertinente apresentar de forma breve como que Scholem entende a prática desse conhecimento:

Na prática concreta, além do mais, a fronteira entre magia física e “magia” puramente interior da combinação das letras e das *kavanot* nem sempre foi clara e podia ser cruzada facilmente em qualquer direção. Muitos dos primeiros pesquisadores eruditos da Cabala não distinguiram claramente entre os dois conceitos e frequentemente usavam o termo “Cabala prática” para se referir à escola luriânica em oposição a Cordovero e ao Zohar¹⁴ (Scholem, 1974, p. 182)

Tal método de ação prática é uma técnica a ser trabalhada e aperfeiçoada. De forma geral, as ações práticas são aplicadas à vida comum, onde tem lugar, de fato, acontece à parte principal do trabalho prático, logo, em casa, no trabalho e em diversas outras circunstâncias, por exemplo, os grupos esotéricos espiritualistas, *Golden Dawn*, *O.T.O* e a *Maçonaria*, dentre outros. A prática das *Kavanot*, isto é, as intenções que encontram-se por trás da meditação ou devoção – oração; evoca por chaves de acesso dentro do diagrama da *Otz Chiim*, acesso a planos superiores da razão finita que se conecta no fluxo do *nous espiritual*. Esse entendimento do lado prático da Kabbalah especulativa não depende da via principal por onde segue o judaísmo, pois na verdade:

¹⁴Original: “In actual practice, moreover, the boundary between physical magic and the purely inward “magic” of letter combination and kavvanot was not always clear-cut and could easily be crossed in either direction. Many early scholarly investigators of the Kabbalah did not distinguish clearly between the two concepts and frequently used the term “practical Kabbalah” to refer to the Lurianic school as opposed to Cordovero and the Zohar”.

O que veio a ser considerado Cabala prática constituía um aglomerado de todas as práticas mágicas que se desenvolveram no judaísmo desde o período talmúdico e através da Idade Média. A doutrina das *Sefirot* praticamente nunca desempenhou um papel decisivo nessas práticas, apesar das tentativas ocasionais do século XIII em diante de integrar as duas¹⁵ (Scholem, 1974, p. 183).

Os símbolos apresentados pelos cabalistas para estabelecer os limites do que era permitido dentro da magia operativa, foram com o passar do tempo, frequentemente obscurecidas, ao longo da idade média, a magia malévola foi posta como um serviço que podia e pretendia causar dano a outrem. Scholem entende esse momento da história como sendo um contraponto cuja denominação é atribuída por ele como “*ciência apócrifa*” que manifesta o que conhecemos hodiernamente como o arquétipo do Feiticeiro. Em vista disso, a prática da magia busca um lugar de destaque diante da ramificação da Árvore da Vida dos mistérios cabalísticos, pois de acordo com o autor: “a oposição dos cabalistas especulativos à magia malévola foi incapaz de impedir uma aglomeração de todos os tipos de prescrições mágicas na literatura da Cabala prática¹⁶” (Scholem, 1974, p. 184).

O exercício da Kabbalah prática oportunizou uma análise crítica do filósofo judeu, logo, suas reflexões procuram suspender a existência do mistério. Partindo do pressuposto que apenas aqueles que tivessem permissão poderiam ver além do véu, o fenômeno oculto dentro desse entendimento se apresentaria, sim, contudo, mediante a própria vontade de se fazer ver, entender e ser conhecido. Seguindo ainda esse entendimento, de acordo com Scholem, a estrutura oculta da Torá era o equivalente da estrutura do mundo e, como exercício o praticante cabalista tinha que decifrar a essência dessa linguagem.

Ora, se o mistério que se encontrava antes no oculto do oculto, agora se faz evidente, então é possível cogitar que existe uma ulterior vontade que realiza através de si-própria o ato que cria o conhecimento para o entendimento do ser humano. Ora, a linguagem que fornece o acesso a tal consciência mística acontece por intermédio de uma pré-seleção que separa quem pode de quem não pode ver ou acessar. Diante desse paradigma, uma hipotética superação dessa ontologia do encobrimento e do desvelamento se encontra no: “ocultamento que o saber eficiente demonstra sua veracidade, fazendo de sua experiência do real um conhecimento verdadeiro (adequado, apropriado) de cada coisa. O controle passa a significar um “tomar ciência” do que existe de fato” (Beuque, 2004, p. 149). Se o excerto estiver correto, podemos

¹⁵ Original: What came to be considered practical Kabbalah constituted an agglomeration of all the magical practices that developed in Judaism from the talmudic period down through the Middle Ages. The doctrine of the Sefirot hardly ever played a decisive role in these practices, despite occasional attempts from the late 13th century on to integrate the two.

¹⁶ No original: “The opposition of the speculative kabbalists to black magic was unable to prevent a conglomeration of all kinds of magical prescriptions in the literature of practical Kabbalah”.

pensar o mistério que transcende o “*infinito e além*” se materializa dentro do símbolo que é criado para ser as ‘lentes’ do entendimento científico, deste modo a linguagem do oculto pode ser tanto lida quanto vista.

2. CAPÍTULO II

Quebra cabeça

O excesso extremo de restos
De partes que não se encaixam
Se negam,
Se destroem.
Da minha inteira confusão caduca
Confessada em sussurros embriagados
Pelo desejo de ser algo completo
Que não se é
Nem não foi.

É como se faltasse alguma coisa,
Alguma peça
Que sempre faltou.
Como se o buraco fizesse parte
De uma parte de mim
E essa parte vazia
Também é ser um ser pleno
Preenchido por vazios ocos
Que fazem do não-ser
O ser volátil que sou.

Palavras que tentam explicar
O que não é passível de explicação
É como se faltasse significado
Nas minhas significações
Como se de repente

tudo que se nega
se contradiz
se desfaz
fossem o próprio sentido de ser.

Como em um quebra cabeça
Onde somente as partes que não se encaixam
É que se completam.

Inutilidade Poética

Fernanda Tavares

Rene Serafim

2.1.O que é a cabala mística?

O que conhecemos por conhecimento, por onde ele se inicia? Como uma ciência esotérica judaica contida na obra *A Cabala Mística* da estudiosa e Kabbalista Dion Fortune, sua interpretação e entendimento define a Cabala como: “um sistema vivo de desenvolvimento espiritual, não uma curiosidade histórica” (Fortune, 1957, p. 20). Esse sistema que em-si é visto como um organismo que vive evoca o entendimento daquilo que não se pode falar abertamente porque sua raiz encontra-se fixada num plano onde a ideia de conhecimento é distinta do que entendemos por conhecimento hoje. Logo:

A interpretação da Cabala não se encontra, contudo, entre os rabinos do Israel Externo, que são os hebreus pela carne, mas entre aqueles que são o povo escolhido segundo o espírito – em outras palavras, os iniciados. A Cabala, como a compreendo, durante a Idade Média, por muitos conhecimentos alquímicos e pela estreita associação a este extraordinário sistema que é o Tarô (Fortune, 1957, p. 20).

Em seu entendimento, Fortune, interpreta que tal sistema de conhecimento não se encontra somente vinculado aos rabinos, ele pode ser acessado por aqueles que estudam particularmente ou se iniciam em escolas Cabalísticas. No período hodierno existem diversas linhas da Kabbalah, atuando ao redor do mundo, as mais convencionais são os grupos ortodoxos encontrados em Jerusalém. Há outros que nem sempre são reconhecíveis como sendo da linha kabbalística. Contudo funcionam na “Europa Ocidental e nas Américas, como

os grupos em desenvolvimento localizados na África do Sul e na Austrália” (Halevi, 1991, p. 30). Tais grupos encerram em si-próprios os mistérios do oriente que se oculta nas chaves de acesso, todavia a essência da Cabala não-escrita encontra-se:

No conhecimento da ordem em que determinadas séries de símbolos estão dispostos na Árvore da Vida. Essa Árvore – Otz Chiim – consiste em Dez Sephiroth Sagradas, dispostas num padrão particular e unidas por linhas, as quais recebem o nome de Trinta e Dois caminhos da Sepher Yetzirah, ou Emanações Divinas (Fortune, 1957, p. 23).

Encontra-se em tal diagrama o mistério por onde o Tudo emana sua vontade que distribui ordem e ordena o caos para que nos planos abaixo possa ser criado um ambiente onde a vida possa emergir, tal ideia representa o cerne do pensamento esotérico do princípio. Por conseguinte podemos perceber que o conhecimento sobre determinados símbolos são compostos por um fundamento imagético. Todavia, Jung¹⁷, nos diz sobre que o arquétipo representa o inconsciente coletivo através dos conteúdos do:

Inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos – ou melhor – primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos[...] Na realidade, eles não são mais conteúdos do inconsciente, pois já se transformaram em fórmulas conscientes transmitidas segundo a tradição, geralmente sob forma de ensinamentos esotéricos (Jung, 2000, p. 17).

A partir do excerto, podemos pensar como que determinados conteúdos se apresentam no interior da Tradição, isto é, como que o entendimento pode contemplar e entender aquilo que não tem forma, cor e tampouco é constituído fisicamente por uma matéria. É certo que a cosmogonia cabalística é tão antiga que data-se por volta do século II ou III d.C; se apresenta ao leitor como uma perspectiva gnóstica da cosmovisão Judaica.

Nesse caso a presença de Jung será utilizada como um guia que ajudará a percorrer o caminho que sobe no diagrama da *Árvore da Vida*, enquanto símbolo, pois se tratando de conhecimentos esotéricos, podemos partir em segurança do mundo físico rumo um possível entendimento transcendente. Dentro dessa perspectiva esotérica, o fenômeno se apresenta de forma rarefeita, portanto, para melhor identificá-lo, é necessário que um caminho seja

¹⁷ Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra e psicólogo suíço fundador da Psicologia analítica, foi o primeiro sucessor de Freud a fazer aproximações entre as tradições do oriente e do ocidente, criando pontes espaciais e temporais, contribuindo para um melhor conhecimento do ser humano sobre seres místicos, divindades e símbolos.

estabelecido entre o externo aparente com o interior do oculto, logo é com auxílio da psicologia arquetípica de Jung que nosso caminho será pavimentado, portanto:

É, apenas nessa região da consciência transcendente ao pensamento que podemos conhecer e compreender a forma superior das ideias transcendentais, e apenas aqueles de nós que são capazes de utilizar esse aspecto da consciência estão aptos a comunicar essas ideias em sua forma original [...] os filósofos perderam-se num labirinto de palavras, e tudo isso de nada serviu para o adestramento da alma não-iluminada (Fortune, 1957, p. 28).

Compreendemos que a consciência conduz o pensamento até as faculdades do entendimento aquilo que está em esferas transcendentais, pois é com auxílio dela, que a realidade daquilo que não é tão aparente, pode ser contemplado. Podemos entender a consciência como sendo uma estrutura por onde o fenômeno se apresenta. Aqui é necessário evocarmos o professor Henrique C. de Lima Vaz¹⁸ para adentrarmos no conceito de Mística, no caso a especulativa, que iremos usar, segundo ele, a mística encontra-se *em-si-própria*, e pode ser pensada assim como pode ser considerada:

Como um prolongamento da experiência metafísica em termos de intensidade *experencial*. Ela se apresenta, pois, como a face do pensamento filosófico voltada para o mistério do Ser, tentando mergulhar seu olhar nas profundidades propriamente insondáveis e inefáveis que assinalam a fronteira última do pensamento distinto e da palavra – do *logos*. A mística especulativa é, portanto, o esforço mais audaz – na mística natura – e o apelo mais radical – na mística sobrenatural – para que o espírito humano, seguindo o roteiro do *logos*, penetre no domínio translógico¹⁹. Ela floresce, assim, historicamente, nas proximidades dos grandes surtos do pensamento metafísico que marcaram a história da filosofia de Parmênides a Hegel (Vaz, 2015, p. 34-35).

Com auxílio do conceito apresentado pelo filósofo Vaz, a mística especulativa, apresenta uma percepção que, *a priori*, se transmite com auxílio de significados e símbolos; com efeito, a Kabbalah se realiza dentro de uma simbologia hermética. Enquanto movimento esotérico tal conhecimento se desenvolve dentro de uma narrativa especulativa passada de geração a geração. Nesse ínterim, o caminho que o adepto ou o estudioso autodidata percorre em busca de algo que rompa com as barreiras imposta por uma razão arcaica para, então, de fato, contemplar o sobrenatural, é pensada de forma especulativa e descrita simbolicamente. O

¹⁸ Henrique C. de Lima Vaz, S.j (1921-2002), foi professor da UFMG, diretor e professor da Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus, editor de *Síntese-Revista de Filosofia* e diretor da Coleção Filosofia (Edições Loyola).

¹⁹ “Lembramo-nos de que o domínio da mística não é o domínio do alógico ou do irracional, mas do translógico: a realidade que se alcança com um passo além do lógico ou do pensamento conceptual”.

símbolo místico encontra-se repleto de ajuizamentos críticos proferidos por céticos e alguns filósofos. Tais afirmações buscam negar a dimensão mística contemplativa do inefável.

A partir do curso do final do primeiro um/quarto do século XVIII começa a eclodir movimentos de teor filosófico que refletem questões relacionadas às problemáticas apresentadas pela religião, como exemplo aconteceu à revolução copernicana empreendida por Immanuel Kant 1724 – 1804. Cujas epistemologia, *episteme* (ciência) + *logos* (razão/teoria), se realiza não mais no estudo dos cânones sagrados de uma Metafísica Aristotélica, todavia, o processo é voltado para como o conhecimento científico pode ser conhecido do ponto de vista crítico, isto é, do valor objetivo dos seus princípios, assim como das hipóteses e conclusões formuladas pelos conceitos básicos contidos em sua *Crítica da Razão Pura*.

Essa percepção parte do pressuposto de que o conhecimento encontra-se envolvido numa existência negativa, ou seja, o conhecimento inicia sua vida a partir da ideia do nada²⁰. Essa simbologia pode soar um tanto quanto obscurantista, porém é a partir do nada que os ensinamentos da Kabbalah começam a existir. No contra peso dessa balança o sentido interno, isto é, as faculdades da razão quando são provocadas seja por uma dúvida, seja por uma inquietação, seja por uma intuição, seja por um símbolo, acontece uma movimentação que busca o pensamento racional inicial, nesse sentido, é possível cogitar a ideia de que o misticismo esotérico pode ser uma ciência cuja hermenêutica que estabelece “pouco a pouco, com uma maré ascendente, a compreensão vai concretizando o Abstrato, assimilando e expressando, nos termos de sua própria natureza, coisas que pertencem à outra Esfera” (Fortune, 1957, p. 33).

Deparamo-nos no limiar do que podemos pensar e entender sobre o significado de *Abstrato e Esfera*, em face dos possíveis símbolos, *abstrato* estaria contido dentro do Fundamento de toda teoria seja quântica, cosmológica ou cosmogônica. Diante desse vasto campo metafísico, por associação metodológica, iremos considerar o abstrato como também um abismo. Pois “a filosofia transcendental tem a vantagem, mas também a obrigação de procurar esses conceitos segundo um princípio; porque brotam do entendimento como de uma unidade absoluta, puros e sem mistura, têm de se ligar entre si segundo um conceito ou uma ideia” (Kant, 2001, B. 92).

Com auxílio de que foi pensado por Kant, podemos refletir acerca de como a unidade absoluta, *Daat*, é simbolizada enquanto Vazio dentro do abismo, em outras palavras, é

²⁰ As literaturas em sua grande maioria definem *Daat* como sendo o abismo que separa a criação da Criatura, logo tal incomensurabilidade se apresenta como a origem da sabedoria que cria novas formas de conhecimento.

simbolizado como o *Ain Soph Aur*. Tal estrutura se apresenta como limite racional, lógico e linguístico tanto para as percepções que dispomos sobre o fenômeno, quanto para o entendimento que percebe o conhecimento, logo a filosofia transcendental se apresenta também como método estruturante do cogitar o pensamento científico. Esse contraponto foi sendo modificado ao longo da história da própria humanidade considerando o período que inicia na segunda metade do século XVII e segue até os dias hodiernos sendo reutilizado.

Enquanto a ciência estiver no contra peso da balança que sustenta os fenômenos do campo do entendimento, os princípios que encerram em-si-próprios as chaves de mistérios estarão sendo erroneamente julgadas e lidas de modo incipiente, no que tange o seguinte exemplo: “Daat resulta na conjunção de Chokmah e Binah. [...]. Daat é o resultado dessa união” (Fourtune, 1957, p. 43). No bojo da filosofia esotérica tal princípio seria cogitado em face dos símbolos que em-si próprios são como fechaduras que abrem outras portas por onde se pode acessar outro conhecimento contido dentro de uma intuição.

O erro de Kant é negar que isso seja possível, ainda que de forma genuína ele tenha apresentado robustos fundamentos filosóficos para uma crítica visceral ao mecanismo da razão que compreende a metafísica, ele ainda nada no vasto oceano metafísico, pois não há outro modo de conhecer senão por conceitos. Assim, “o conhecimento de todo o entendimento, pelo menos do entendimento humano, é um conhecimento por conceitos, que não é intuitivo, mas discursivo” (Kant, 2001, B. 93). Aqui nos distanciamos de Kant acerca de que há somente este modo de conhecer o conhecimento, pois o próprio saber parte em princípio de uma fonte que provoca o preenchimento da existência de todas as outras matrizes de saberes primitivos, antigos, medievais, modernos e pós-modernos; logo a percepção pode ser cogitada a partir da origem do conhecimento, nesse caso, dentro da cosmovisão cabalista.

Ainda que todos, apesar do uso de sua ciência, de seu poder de raciocínio, não podem compreender – e por causa disso – esses escritos, nem descobrir neles o que pode fazer claramente qualquer principiante em ocultismo. São fatalmente levados a ver em toda a obra mística, ou simplesmente derivação de um sistema filosófico ou religioso, envolto em nebulosidades extravagantes e incompreensíveis, ou a vontade de ajustar, mais ou menos habilmente, a filosofia de uma escola a um dado sistema de pensamento.

Prosseguindo com a discussão, percebemos que os caminhos do conhecimento abstrato transitam dentro do diagrama da *Árvore da Vida*, até sua materialização nas palavras da ocultista Fortune, a mente do indivíduo atinge o seu estágio mais alto de desenvolvimento quando a “consciência consegue desligar-se, ficando, por assim dizer, sobre seus ombros, poderemos então penetrar os Véus da Existência Negativa” (Fortune, 1957, p. 29). De acordo

com a ocultista é possível penetrar nos véus da Existência, quando o entendimento supera as barreiras da própria linguagem, deste modo poderia se alcançar um nível de compreensão desenvolvida.

Ainda que isso possa ressoar de forma abstrata, esse conhecimento expressa uma metacognição por onde o cientista irá transitar até as bordas do abismo da Razão Absoluta. O rompimento causado por Kant marca um movimento a qual a metafísica é considerada superada, logo com o advento das luzes, o idealismo surge para pensar aquilo que a razão não pode e talvez sequer entenderá no além do três Véus da Existência²¹.

Todavia, o ensinamento provocado por uma cosmovisão, nesse caso a Kabbalah, nos permite não só adentrarmos ao campo do fenômeno, como também nos oferece um ‘navegar’ para o além-de-dentro da própria esfera, dito de outra forma é com auxílio do símbolo que é possível estabelecer uma conexão tanto esotérica, quanto analítica com aquilo considerado como místico.

Nesse sentido, Dion Fortune afirma que: “o esoterista não limita a si mesmo declarando que o Desconhecido é Incognoscível, pois ele é, acima de tudo, um evolucionista, e sabe que o que está fora de nosso alcance hoje poderá ser alcançado no amanhã do tempo cósmico” (1957, p. 31). O entendimento que a autora afirma com plena convicção se aplica no curso das páginas de sua obra, em face do seu rompimento com as barreiras da consciência, Violet Mary não só age sob o prisma do Conhecimento vivo que emana-de-si-próprio aquilo que é considerado como o grande mistério do diagrama da Árvore da Vida: *o oculto do oculto*; como também pelos planos da própria psique enquanto psicóloga e psicanalista.

A significação do símbolo por onde se canaliza a essência daquilo que a palavra não consegue explicar, permite a manifestação do poder simbólico que também é invisível. Podendo só ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a ele. A tradição neo-kantiana trata os universos simbólicos (arte, religião, língua, ciência, etc.) como instrumentos de conhecimento e construção do mundo; permite, neste sentido, uma análise estrutural daquilo que está por trás do símbolo. Isso se configura como um instrumento que permite apreender não só a lógica específica, mas permite, segundo Bourdieu, que os sistemas simbólicos exercem um poder estruturante (conhecer o mundo), na medida em que são também estruturados.

²¹ O primeiro véu é o que é manifestado para-nós, o segundo é aquilo que é imanifesto em-si, em seguida surge uma possível origem que se apresenta como transcendente ao próprio conhecimento, assim, é por intermédio da superação dos nossos 5 sentidos básicos, é que se rompe com o terceiro e último véu, manifestando a presença do vir-a-ser. Sendo essas nossas leituras sobre o *Ain/ – Ain Soph/ – Ain Soph Aur*.

Tal estruturação decorre da função que os sistemas simbólicos possuem de integração social para um determinado consenso. O consenso aqui apresentado é o da Kabbalah, tanto para Fortune, quanto Halevi, ou seja, a expressão daquilo que É incomunicável em palavras, mas se percebe dentro do símbolo. Assim, são “as relações de comunicação, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material e simbólico acumulados pelos agentes” (Bourdieu, 1989, p. 11). O que ocorre é uma relação de luta, principalmente, simbólica porque é estabelecido diferentes classes, significados e entendimentos acerca do símbolo. Ambas estão envolvidas para imporem uma *definição* para aquilo que as sociedades, no caso, as esotéricas, estudam.

Os sistemas simbólicos diferenciam-se segundo sua instância de produção e de recepção. A produção pode ser pensada para guardar algum sentido a qual a palavra não consegue explicar. E sua recepção fica a contento do receptor, logo, a simbolização da criação da cosmovisão está encerrada dentro do diagrama conhecido como *Árvore da Vida*. Tal símbolo versa em autonomia, determinação, sentido, encerra em-si própria um *mysterium tremendum et fascinans*, proporciona uma elevação assim como uma expansão tanto do plano da consciência através do estudo e meditação diário quanto do *modus operandi* a partir da emanção que emana do *Ayn* emerge as 10 sephiroth²².

Aqui nesse ponto adentramos no campo da metalinguagem, para tanto devemos, com auxílio de Blanchot, apresentar o significado que a palavra tem. Uma vez que a palavra não diz exatamente o que é o mundo ou como é a constituição da coisa-além-si. A palavra expressa à ausência daquilo que é *incriado*, contudo se apresenta no mundo e nas coisas; a dimensão do não dito se apresenta à medida que um corpo teórico especializado, canonizado ou não, sagrado ou não, apresenta significado dentro dos discursos e sentidos lexical. De acordo com o entendimento de Blanchot a linguagem pode ser bruta ou imediata, assim:

Escrever é dispor a linguagem sob o fascínio e, por ela, em ela, permanecer em contato com o meio absoluto, onde a coisa se torna imagem, onde a imagem, de alusão a uma figura se converte em alusão ao que é sem figura e, de forma desenhada sobre a ausência torna-se a presença informe dessa ausência, a abertura opaca e vazia sobre o que é quando não há mais ninguém, quando ainda não há ninguém (Blanchot, 1987, p. 24).

Essa busca narrada por uma fala dita ou escrita, não só expõe uma ânsia íntima do espírito do escritor, como também cria um arcabouço de imagens mentais que são

²²Sephirah forma singular do substantivo plural sephiroth; são ao todo dez projeções ou dez círculos, nomeadas na seguinte ordem onde a primeira se chama *Keter*; a segunda *Chokmah*; a terceira *Binah*; a quarta *Hesed*; a quinta *Gevurah*; a sexta *Tiferet*; a sétima *Nezah*; a oitava *Hod*; a nona *Yesod*; e a décima Malkhut.

transformadas em elementos dentro de suas faculdades neurosensoriais, do seu corpus teórico e quando não mais há o que ser dito sobre o *Mysterium* que reside tanto fora quanto dentro do grande vazio da Existência negativa, antecedendo também a teoria da criação²³. Assim podemos pensar sobre a amplitude que o campo linguístico-imagético pode sustentar dentro do símbolo.

Este recorte de leitura que apresentamos com auxílio de uma teoria da linguagem expressa uma ausência de significado, assim a palavra em-si carrega um limite que nos permite considerar como Fortune, (1957, p. 25) define as Sephiroth como sendo “macrocósmicas e os Caminhos como microcósmicos, pois as Sephiroth, unidas, como às vezes o são nos velhos diagramas, por um raio de luz, ou por um punho provido de uma espada de fogo, representam às sucessivas Emanações” do Conhecimento que gera novas formas, tais formas são constituídas de um significado.

Para tanto, por hipótese a fim de provocar uma sucinta reflexão, pensemos: se o conhecimento enquanto Conhecimento vivo fosse originado a partir de um princípio esotérico cujo fundamento fosse apresentado dentro de uma linguagem que, por sua vez, manifestasse através do *fluir emanante* um símbolo que fosse capaz de encerra uma natureza infinita. No entanto, é certo que devemos considerar a ideia que ainda é mantida sobre as faculdades que o entendimento dispõe e como elas são aferidas por um conhecimento especulativo, assim esse processo fenomenológico pode abstrair-se do significado expresso pela linguagem e o conteúdo do conhecimento nós permite transitar na dimensão esotérica com auxílio de um símbolo. Para isso, tanto o significado quanto a filosofia epistêmica, ambos devem ler e interpretar os múltiplos conhecimentos existentes de forma imparcial, neutra dentro de uma estrutura hermenêutica.

Logo, é possível estabelecer uma cientificação para o entendimento que irá receber o acesso mediante o simbolizado. Assim, o pensamento fortuniano realiza uma hermenêutica do conhecimento Kabbalístico com auxílio do diagrama chamado Arvore da Vida; e este diagrama é dividido em três pilares: direita – Misericórdia, esquerdo – severidade e centro – equilíbrio, contendo 10 filtros chamados Esferas, Sephiroth ou Sephirah, que podem ser interpretados com símbolos e níveis de consciência.

Assim, tal conexão pode também ser apresentada em 22 caminhos, que se comunicam com as 22 laminas dos arcanos maiores do tarot, com as 22 letras hebraicas e 22 runas nórdicas. Ainda que esse diagrama apresente uma cosmogonia da Criação em 4 planos:

²³*Big Bang*

Atzilut – emanção ou plano de Deus; Briah – Criação e plano dos arcanjos e anjos superiores (DEUSES); Yetzirah o plano da formação ou das formas, sendo o mundo dos anjos, do astral e do mental; e ASSIAH o plano físico da terra e de malchut (Fisco Palpável). Nesse sentido Dion Fortune afirma que:

As Dez Sephiroth Sagradas têm, cada uma, seu próprio ponto de contato com cada um dos Quatro Mundos dos cabalistas. No mundo Atzilúutico, elas se manifestam por meio dos Dez Nomes Sagrados de Deus; em outras palavras, o Grande Imanifesto, simbolizado pelos três Véus Negativos da Existência [...] No mundo Briático, as Emanações Divinas manifestam-se por meio do Dez Poderosos Arcanjos, cujos nomes exercem um importante papel na Magia Cerimonial [...] No mundo Yetzirático, as Emanações Divinas manifestam-se, não por meio de um único ser, mas através de diferentes tipos de seres, chamados de Hostes ou Coros Angélicos. No mundo Assiático [...] no plano físico, as Emanações Divinas manifestam-se por meio do que poderíamos chamar, com propriedade, de Dez Chakras Cósmicos, (Fortune, 1957, p. 24-25).

Aqui é apresentada uma importante dimensão epistemológica do conhecimento esotérico, cujo entendimento flui no fluxo interno da mística judaica, em certa medida, tal cosmogonia promove uma abordagem fenomenológica de seu objeto de estudo, isto é, os labirintos do conhecimento oculto da Kaballah dentro da ótica de Fortune atuam por um campo filosófico do fenômeno histórico de seu tempo, assim ela se propõe em “apresentar a Árvore da Vida Filosófica, comunicando as instruções práticas necessárias para sua utilização nas atividades meditativas” (1957, p. 65).

No apurar dessa teoria, como contraponto Scholem apresenta um estudo cuja dimensão contesta a teologia kabbalistica, assim como divide a Kabbalah em dois caminhos distintos, o primeiro considera o *Suprassumo* Abismo como sendo um sustentáculo para o conhecimento místico fluir, deste modo sua busca reside por, “*mah she-ein ha-machshavah massequet*” (aquilo que o pensamento não alcança) e tão pouco consegue mencionar; para transitar em segurança neste caminho, ele apresenta o inexpressável a partir de uma cronologia histórica dos 14 primeiros séculos que precedem o genuíno Mestre Rabino Místico, Filósofo Isaac Luria - 1569.

O segundo caminho busca navegar dentro do oceano da Filosofia Exotérica²⁴, em outras palavras, o misticismo cabalístico é co-referenciado tanto no neoplatonismo com auxílio de uma unidade indistinguível quanto como causa de todas as coisas sob a pena aristotélica. De acordo com Scholem, “os conceitos que ocorrem mais frequentemente na

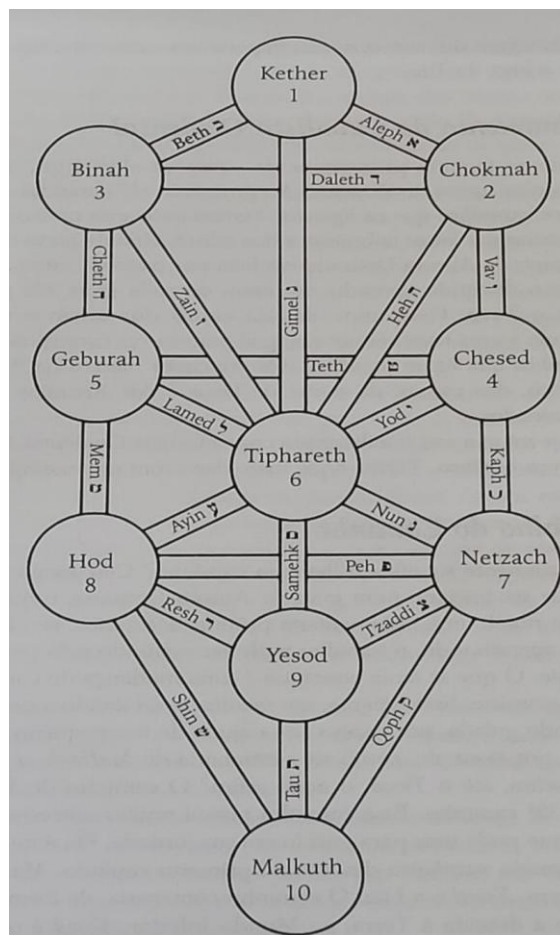
²⁴ O conhecimento exotérico com X, representa o conhecimento aberto para todos, vulgo ciência, por exemplo.

descrição desse primeiro passo dizem respeito principalmente à vontade, ao pensamento, Ain (“Nada absoluto”) e à irradiação interior de *Ein-sof*”²⁵ (1974, p. 91), logo é possível também apresentar uma possível fundamentação do misticismo judaico dos primeiros séculos.

Tentar admitir que, sob esses véus, podem se ocultar, e de fato se ocultam, as mais profundas doutrinas científicas e morais, e principalmente, que essas doutrinas remontam à mais distante antiguidade, é querer obter não mais do que um sorriso desdenhosamente indulgente daquele que acredita saber, para o ignorante que quer saber. Para maiores detalhes sobre o mistério da Cabala, sugiro autores contemporâneos, a saber: Eliphas Levi, Stanislas de Guaita, Joséphin Peladan e Albert Jhouny.

2.2. Otz Chiim e as Sephiroth

IMAGEM 1 - ÁRVORE DA VIDA



Fonte: *O Tao e a Árvore da Vida*²⁶

²⁵ No original "The concepts which occur most frequently in the description of this first step mainly concern will, thought, Ayin ("absolute Nothingness"), and the inner radiation of Ein-Sof".

Como subsídio nosso estudo comparativo apresenta possíveis percepções dentro do guarda-chuva das Ciências das Religiões, logo iremos, a partir da leitura da *parte II* da obra *A Cabala Mística*, de forma bem sucinta e pontual, apresentar nossa interpretação dos significados que as Sephiroth contém em-si próprias. Por conta de tal dimensão, temos a convicção que um aprofundamento mais depurado e detalhado é fruto para uma tese.

De acordo com a Kabbalah, a realidade se apresenta em 10 dimensões - representada pelas 10 Sephiroth. Elas funcionam como canais através dos quais a essência do Mundo Infinito chega ao Mundo Físico, alimentando tudo o que existe, incluindo nossas faculdades sensoriais, faculdades do entendimento, nossa subconsciência, assim como nosso *nous espiritual*²⁷.

Cada Sephirah, tal qual um espelho, reflete sucessivamente a emanção do *nous espiritual*, diminuindo gradativamente o seu brilho para um nível quase imperceptível que chega ao mundo físico. Por onde passa acontece uma manifestação de forma diferente, sem perder em momento algum a Sua essência. No estudo das Sephiroth, encontraremos diferentes associações dos símbolos, como atributos divinos e partes do corpo, entre tantas outras referências, de modo a estabelecer uma relação de interdependência entre todos estes elementos.

Quando nos esforçamos para compreender os símbolos, confrontamo-nos não só com o próprio símbolo, mas com a totalidade do indivíduo que o produziu. Nessa totalidade inclui-se um estudo do seu universo cultural, processo que acaba por preencher muitas das lacunas da nossa própria educação [...] (Jung, 2016, p. 115).

Neste sentido há uma descrição bastante simples de um dos símbolos da Cabala, a Árvore da Vida. Tal diagrama é uma entre muitas ferramentas utilizadas pela própria mística esotérica para uma compreensão das forças que regem o universo. A seguir apresentaremos alguns conceitos básicos de forma sintética sobre as Sephirah, partindo de Malchut, o ponto mais baixo, subindo até Kether.

²⁶ YUDELOVE, E.S. **O Tao e a Árvore da vida: os mistérios alquímicos e sexuais do oriente e do ocidente**; trad – Afonso Teixeira Filho. São Paulo, Cultrix, 1996

²⁷ Essa junção entre duas palavras ainda que antagônicas partindo do *nous* como inteligência suprema racional, e agora acrescido do significação espiritual. Assim o *nous espiritual* representa aqui uma possível chave que se conecta com o Entendimento que transcende as multiplicidades de entendimentos, ou seja, a própria palavra, ainda que ela seja uma objeto de linguagem, sua essência e seu significado nós permite expor aquilo que é real, aquilo que não é real.

Iniciamos nossa caminhada no reino – Malchut o reino é representado como a Sefirah10; é a partir do mundo empírico que nosso entendimento se inicia. Esta sefirah é responsável pela dimensão do mundo físico, dos aspectos tangíveis da realidade; a única sefirah onde a matéria parece existir. No corpo, Malchut representa os pés. Através dos sentidos buscamos encontrar o desejo por criar, porque no contra ponto mais distante da *Otz Chiim*, encontra-se o – *Abismo* –, que provoca questionamentos sobre como a dimensão da percepção contempla o símbolo? Ou como os sentidos, de fato, captam os conhecimentos necessários para transpor e romper como o paradigma da ausência/falta de materialidade?

Assim: “malkuth recebe o nome de Esfera da Terra [...] eles designam também a alma da Terra – isto é, o aspecto sutil e psíquico da matéria, o número subjacente do plano físico que dá origem a todos os fenômenos físicos” (Fortune, 1957, p. 221). A fim de desobscurecer tal entendimento, este estudo orienta a exercitar uma auto observação e a reflexão, onde através de tais conexões, ou no crivo teológico – das orações, possam provocar transformações no corpo mental, tais meditações buscam acessar o sentido do mundo físico.

Yesod – sefirah 9 – enquanto *fundamento* é um grande reservatório que recolhe, equilibra e transfere toda a inteligência que é emanada das Sephiroth acima dela para Malchut. É a Sefirah associada aos órgãos sexuais e onde se encontra o arquivo de vidas passadas e o inconsciente de cada indivíduo. Adentrando nos planos psíquicos da segunda Sefirah encontramos em Yesod uma substância que participa tanto da mente quanto da matéria, logo o simbolismo de Yesod “revela dois grupos de símbolos aparentemente incongruentes, por um lado temos como fundamento do universo, estabelecido na força [...] por outro lado temos o simbolismo da lua, que é essencialmente fluida” (Fortune, 1957, p. 210). Conscientemente a esfera yesódica apresenta no campo do arquétipo, por exemplo: as escolhas, logo no plano inconsciente ela comanda as situações pelas quais nosso plano psíquico navega (várias vezes, se necessário) para nos deixar atentos com aspectos de nossa personalidade. Yesod também representa a dimensão onírica por onde sonhos emergem. O caminho por onde sobe no diagrama de malkuth – a matéria espessa – até as portas do mundo das ideias, cujo regente encontra-se ancorado na consciência.

Em seguida, temos a sefirah, Hod – 8 – cujo principal atributo simbólico significa esplendor; ela tem como sinônimo o refinamento através do conhecimento, que por sua vez é a chave para assimilarmos o sentido dela na sua amplitude; para tanto neste momento aprendemos a identificar o outro e, conseqüentemente, a aceitá-lo. Sua qualidade espiritual enfatiza a humildade e o reconhecimento. No corpo humano, corresponde à perna direita. Hod é essencialmente a Esfera das Formas animadas pelas forças da natureza; e inversamente é a

Esfera em que as forças da natureza assumem uma forma sensível que também controlam os processos voluntários e as atividades do lado esquerdo do cérebro, canalizando a praticidade na psique humana. Em Hod encontramos o conhecimento como instrumento primordial que se conecta com a forma como nossas faculdades cognitivas processam o entendimento tanto dos símbolos, quanto dos vários significados

Completando o primeiro triângulo Netzach a sephirah –7 –, evoca a força para que seja criado sólidas raízes naquilo que se pensa e busca edificar. A partir disso pode-se depreender do pensamento de Fortune, um aideia que apresenta tanto o sentido de refinamento dos instintos quanto de um armazém que guarde as emoções. No corpo, está relacionado com a perna esquerda. A vitória a que Netzach se refere é a própria superação das próprias limitações. “Em Netzach, a força ainda se move com certa liberdade, detendo-se apenas nas formas extremamente fluídicas e de movimento incessante” (Fortune, 1957, p. 185) Por conseguinte, podemos entender a capacidade de manter sempre vivo um sentimento, uma sensação sem deixar que as coisas caiam na rotina e/ou sejam tratadas com indiferença depois de algum tempo. É nesta sephirah que reside há reciprocidade responsável pela necessidade que o ser humano tem em se relacionar com o outro. Estão em Netzach os processos involuntários, o lado direito do cérebro e os processos criativos - o nosso lado artista, poeta, músico ou sonhador.

Tiphareth – sephirah 6 – representa a coluna central da Árvore da Vida o mundo da Formação. No corpo humano, está relacionado ao tronco. Tiphareth é a beleza em todas as coisas: desde um pôr-do-sol, uma flor, um poema até um pensamento, um gesto, uma atitude cordial. Podemos entender que esta beleza não é meramente estética, mas é resultado da harmonia alcançada entre os pilares da direita e da esquerda. Aprendemos através de Tiphareth a medida certa do compartilhar e do receber, da misericórdia e do julgamento. É esta consciência que permite, por exemplo, “uma exposição inteiramente metódica e ordenada do sistema cabalístico” (Fortune, 1957, p. 159). Por certo, de acordo com o excerto, em Tiphareth acessamos a essência daquilo que buscamos de forma correta, em equilíbrio e que se apresenta de forma subjetiva na vida de cada um por intermédio de práticas diárias, isto é, observando as ações que são realizadas e o verbo que é manifestado por intermédio de nossa fala, deste modo é possível encontrar e manter um equilíbrio.

A sephirah 5 – Geburah – traz o Julgamento como representante. Também a Força, a Grandeza e o Poder. Em nosso corpo corresponde ao braço direito. Enquanto Chessed doa incondicionalmente, Geburah é restrita; onde Chessed expande, Geburah contrai. É nessa esfera que encontramos a energia espiritual necessária para a superação dos obstáculos e

conquista de nossos objetivos, sendo fundamental para a transformação de nossa natureza. “Pois, Geburah, no microcosmo, que é a alma do homem, é a coragem e resolução que nos liberta da nódoa da” (Fortune, 1957, p. 149) limitação. Contudo, ainda dentro deste símbolo é necessário apresentar sua correlação estreita com a próxima esfera, pois ambas se realizam em equilíbrio. Por exemplo, quando é solicitada disciplina para se ler um livro, o desequilíbrio na concentração pode estar sendo provocado por algo interno ou externo.

Chessed, a sephirah – 4 – representa a manifestação da misericórdia e gentileza no mundo. Seu significado primeiro manifesta-se no desejo de compartilhar, a doação incondicional, a mão que se estende em direção ao próximo. Em nosso corpo, Chessed é o braço esquerdo. Seu principal sentido encontra-se na “formulação da ideia arquetípica, a compreensão pela consciência de um conceito abstrato que é subsequentemente trazido aos planos e concentrado na luz da experiência da concretização de ideias análogas abstratas” (Fortune, 1957, p. 139-140) Uma manifestação ocasionada por uma expansão das faculdades do conhecimento, sem equilíbrio, expressa de forma perigosa, porque a necessidade que impelia de forma natural, passa a ser um vazio que em associação a Geburah, instala prisões mentais que bloqueiam o fluxo do livre pensamento.

Binah, a sephirah – 3 –, representa o Entendimento; por unanimidade dos cabalistas tal esfera é vista como a *Mãe Universal*, a usina geradora de energia para tudo o que existe. Localizada no topo do pilar da restrição. Nesse instante, para que possamos apresentar em essência e de forma objetiva, a sephirah Binah transforma o *insight* gerado em pensamento ordenado, contribuindo para o desenvolvimento de uma ideia. Assim, binah, representa: a Grande Mãe, chamada às vezes de Marah, o Grande Mar, é, naturalmente, a Mãe de Toda Vida. “Ela é o útero arquetípico por meio do qual a vida vem à manifestação e Tudo que fornece uma força” (Fortune, 1957, p. 121). Que cria vários caminhos, seja o conhecimento científico, seja um conhecimento esotérico Cabalístico, pois atribui tanto a criatividade e a intuição assim como a lógica e a racionalização.

Chokmah a Sephirah – 2 – encontra-se no topo do pilar da direita e representa o Receptáculo Universal - o primeiro recipiente a conter toda a sabedoria do universo, que corresponde ao lado direito do cérebro. Quando pensamos em **Chokmah** podemos associá-la com uma espécie de entendimento negativo, ou seja, “em sua formulação, não obstante, podemos extrair dele [...] como se denomina, chama-se Inteligência Iluminadora”, (Fortune, 1957, p. 108). Contudo, a sabedoria é passiva e não possui qualquer valor no plano da existência se não for decodificada, daí a necessidade de Sephirah Binah - Entendimento.

Kether é a primeira sephirah – 1 –, e tem como símbolo uma coroa. Enquanto significado ela também traz em si a imagem de um recipiente que comporta um oceano; a não-forma começa a ser ligada ao mundo físico logo após a superação da restrição do símbolo. Nesse sentido, tal coroa ou recipiente que encontra-se localizado, “na cabeça do Pilar Medial do Equilíbrio, e nele estão suspensos os Véus Negativos da Existência” (Fortune, 1957, p. 94). Uma vez que sua irreabilidade existe porque “representa a cristalização primordial na manifestação do que era até então imanifesto e, por conseguinte, incognoscível” (1957, p. 94). É certo que o pleno entendimento sobre tal arquétipo não pode ser acessado, contudo, é a partir do simbólico que a sephirah cria novas esferas que ordenam o conhecimento de cima para baixo dentro da ótica mística, pois o estado não-físico é encontra na ideia.

Como Kether precede cada pensamento, sendo a Fonte de onde todas as coisas surgem, podemos encontrar a essência do pensamento de Dion Fortune acerca da Kabbalah a partir do desenvolvimento da “*palavra essencial*” (Blanchot) através do seu plano imanente, a autora apresenta chaves - nas entrelinhas - para as 10 esferas do pensamento místico, filosófico e espiritual, logo podemos questionar se o conhecimento da Kabbalah teria sua possível origem nas esferas onde reside o símbolo?

O pensamento místico apresenta um caminho místico de um conhecimento que não é somente filosófico, no entanto, também expressa o retrato mental de uma cosmologia seu tempo, de sua época. Depreende-se de sua teoria que cada caminho do diagrama da *Árvore da Vida* é como se fosse um caminho dentro de um labirinto, logo: “a imagem mágica e os símbolos associados a cada Sephirah” (Fortune, 1957, p. 90) podem ser um salto para o desconhecido, isto é, neste primeiro momento é oportuno saber como o caminho do conhecimento que este estudo traz para o não iniciado, pode ser apresentado a partir de outra percepção.

Entendemos que o diagrama *Otz Chiim* é uma unidade cuja síntese encobre o não-sentido da origem do saber, dentro da mística cabalística, enquanto princípio de uma *unidade transcendental* pode-se conjecturar que aquilo que é oculto pode vir-a-ser manifestado a partir das circunstâncias e das: “condições empíricas em que um fenômeno seja inteiramente contingente” (Kant, 2001, B. 140). Essa unidade empírica apresenta aquilo que é diverso no limite do que a palavra pode expressar, logo além do tempo, a escrita desenvolve e acessa os sentidos por onde a mística cabalística percorre na busca por expressar o fenômeno do Ser no espaço e no tempo.

Porém, à medida que as percepções são capturadas e encerradas dentro de um símbolo, nesse caso a, *Árvore da vida* que apresentamos anteriormente; o símbolo expressa

uma compreensão que não se capta ou se prende, mas mantém o significado que é emanado a partir das dez emanações. Indo até onde for possível dentro da linguagem o símbolo é transposto pela oralidade imbuído de essência sagrada, de um significado místico e de uma tradição esotérica.

Por este pressuposto, pode-se inferir que a base de todas as religiões e de todas as filosofias encontra-se, em princípio, em uma doutrina mística obscura; que é conhecida inicialmente por aqueles denominados por *iniciados*. Cujas origens escapa a toda análise séria, apesar de pesquisas efetuadas. Tal doutrina é designada por diferentes nomes, conforme a ciência e/ou religião que conserva suas chaves. Para Vaz a fonte primeira da mística especulativa, “nasceu de algumas passagens dos *Diálogos*, que se tornaram quase canônicas, e foi, sem dúvida, alimentada pelas especulações sobre o Bem e o Uno” (2015, p. 35) que a tradição atribui aos ensinamentos não escritos do consagrado e imortal Filósofo Platão.

3. CAPÍTULO III

28 de maio ... A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é minha pele. Preto é o lugar onde eu moro

Carolina Maria de Jesus

Quarto de Despejo

3.1. O caminho da Tradição

Prosseguindo, nesse capítulo abordamos o caminho por onde o conhecimento da cosmogonia Judaica surgiu na perspectiva de Halevi. É necessário esse breve entendimento, para que a frente possamos apresentar de forma imparcial o que entendemos sobre os véus da existência. O que nós permitirá pensar a dimensão da existência negativa é *nous espiritual*, esse conhecimento do espírito que apresentamos acima, busca dar forma para aquilo que não tem. Assim, os três véus da existência negativa, dentro do núcleo esotérico da Kabbalah, podem ser pensados como se fosse também o limite que toda religião se depara, ou seja, há aquilo que é visto, assim com há aquilo que está oculto. No caso do judaísmo o que é visto encontra-se no seu código sagrado o pentateuco, de acordo com Nilo, o Pentateuco:

Deriva de duas palavras gregas: penta + teukos, que significa “cinco (penta) estojos ou rolos (teukos)”. Portanto, Pentateuco é formado pelos cinco primeiros livros da Bíblia: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Os títulos desses livros derivam do grego e procuram dar uma ideia do conteúdo: Gênesis (origens da humanidade e do mundo); Êxodo (saída do Egito); Levítico (da tribo de Levi); Números (recenseamento das tribos); Deuteronômio (segunda lei, espécie de releitura

das leis). No hebraico, recebem o nome da primeira palavra década livro. Neles há textos legislativos e narrativos (Nilo, 2019, p. 5).

Esse é o aspecto que se pode ver de forma objetiva dentro de qualquer religião, ou seja, os textos que balizam e estruturam suas leis, suas orientações, seus direcionamentos, seus ritos, dentre outros. A tradição exotérica que é preservada com os Rabinos remonta a uma dimensão religiosa, moral cuja doutrina e o corpus de ensinamentos, formam as regras, os costumes e os ritos. Logo, a configuração oculta da “religião é preservar a tradição, mas não mediante um código rígido [...] Cada religião tem as suas escrituras, que são o fundamento dessa tradição em relação ao Mundo como um todo. Nem mesmo a fé mais forte poderia existir sem elas” (Halevi, 1994, p. 16).

De acordo com o fragmento do professor Halevi, as religiões em-si mesmas têm como fundamentação a manutenção do seu campo sagrado. Logo, o caminho por onde surgem suas raízes é o mesmo caminho por onde nasce à idolatria, o fanatismo, o dogmatismo errante, etc. Nesse sentido, e para além do que é espesso e grotesco, buscamos pensar se o caminho contido na Kabbalah pode ser um método de acesso e de preenchimento ao *nous espiritual* do sujeito. De acordo com o autor:

A Tradição interior é uma linha contínua. A Kabbalah, dizem, data dos anjos que forma instruídos por Deus. A humanidade é ensinada pelo Arcanjo principal, Metatron, cuja lenda Apocalíptica diz ser o Enoque transfigurado, o homem que caminhou com Deus e não sentir o sabor da morte (Gênesis, 5, 24). Metatron, diz a lenda, manifestou-se através da história como diversos grandes mestres, um dos quais pode ter sido Melquisedec (Halevi, 1994, p. 16-17).

Por esse caminho encontramos uma teologia sobre a origem da Tradição Kabalística, Essa teologia apresenta um princípio fundante do mito, ou seja, o caminho esotérico é criado a partir da elevação de um ser finito, no caso Enoque, para a condição de um ente transcendente. No entendimento de Halevi, “antes de receber o ensinamento de Melquisedec, Abraão, depois de longa pesquisa em torno das religiões contemporâneas, chegou à conclusão de que havia um único Deus, vivo e invisível” (1973, p. 14). Esse conhecimento seguiu sendo transmitido de geração a geração. Seguindo por um caminho que nem sempre foi visto, mas que inquebrantavelmente se mantém até os dias hodiernos. Todavia, Scholem explica que a kabbalah só encontrou sua realização através do:

Impulso religioso original no Judaísmo, que encontrou a sua expressão válida no monoteísmo ético dos Profetas de Israel e a sua formulação

conceptual na filosofia judaica da religião da Idade Média, sempre foi caracterizado como uma reação à mitologia. Em oposição à unidade panteísta de Deus, do cosmos e do homem no mito, em oposição aos mitos da natureza das religiões do Oriente Próximo, o Judaísmo visava uma separação radical dos três reinos; e, acima de tudo, o abismo entre o Criador e Sua criatura era considerado fundamentalmente intransponível (Scholem, 1969, p. 88)²⁸

Por consequência desse abismo, o movimento esotérico ficou, digamos, *guardado*, e reservado a um pequeno nicho de praticantes mais assíduos. Isso foi o principal fator que manteve os estudos sobre a mística cabalística distante da corrente principal do judaísmo. Como principais expoentes, apresentamos alguns exemplos: Alberto Magno (1196 – 1280); Marsílio Ficino (1433-1499); Heinrich Cornelius Agrippa (1486-1535); Paracelso (1493-1541); Isaac Luria (1534-1572); Giordano Bruno (1548-1600); Jacob Boehme (1575-1624), dentre outros.

Em toda sua longa história, a tradição esotérica cabalista surgiu e desapareceu de muitas formas, é possível pensar sua estrutura de forma literal (ritualística), de forma alegórica (seus mitos), de forma metafísica e de forma mística. Dentro essas quatro maneiras de pensarmos a Kabbalah, partiremos da metafísica e da mística para falarmos do universo absoluto e do universo relativo. De acordo com Halevi, o absoluto “está além até da eternidade. Ele é sem tempo, sem forma, sem substância – além da existência. É nada e é tudo. Não conhece mudança e, no entanto não é imutável – ele apenas é” (1973, p. 23). Tal afirmação encontra-se num plano da ideia, e por estar nessa seara, é necessário entendermos como o tempo mítico se apresenta como um conhecimento daquilo que é:

O tempo é uma representação necessária que constitui o fundamento de todas as intuições. Não se pode suprimir o próprio tempo em relação aos fenômenos em geral, embora se possam perfeitamente abstrair os fenômenos do tempo. O tempo é, pois, dado *a priori*. Somente nele é possível toda a realidade dos fenômenos. De todos estes se pode prescindir, mas o tempo (enquanto a condição geral da sua possibilidade) não pode ser suprimido (Kant, 2001, A 31).

Kant apresenta nesse pequeno excerto uma ideia tanto esotérica quanto exotérica, pois para ele o tempo é uma condição *a priori*, isto é, tudo aquilo que está para além dos

²⁸ No original: “The original religious impulse in Judaism, which found its valid expression in the ethical monotheism of the Prophets of Israel and its conceptual formulation in the Jewish philosophy of religion of the Middle Ages, has always been characterized as a reaction to mythology. In opposition to the pantheistic unity of God, cosmos, and man in myth, in opposition to the nature myths of the Near-Eastern religions, Judaism aimed at a radical separation of the three realms; and, above all, the gulf between the Creator and His creature was regarded as fundamentally unbridgeable”

sentidos e em si mesmo expressa o entendimento do que É. Por essa leitura só podemos conhecer aquilo que os sentidos podem captar tal como fosse uma lente de uma máquina fotográfica. Logo, pensar o absoluto – a princípio – dentro do entendimento de filósofo idealista não seria possível, pois o conhecimento de algo incomensurável escapa das faculdades que o entendimento dispõe para compreender tal entidade²⁹, contudo, se a palavra não consegue explicar o absoluto, mas consegue apresentar formas de entendê-lo, adjetivando como algo que não dispõe de substância; aqui temos a passagem do verbo para o símbolo.

O filósofo idealista faz a distinção entre *noumeno* (coisa em si) e fenômeno (aparição). Esta distinção evidencia que ao homem só é possível conhecer as coisas como aparecem à mente, jamais em si mesmas (seja pelas ideias inatas cartesianas, seja pela ideia como cópia exata da sensação). O fenômeno contido no abismo se apresenta como uma representação, logo o sujeito percebe sua realidade, doravante quando algo o modifica. Por exemplo, tomemos um eclipse anular solar, antes de acontecer, o sol é visto, porém quando a lua encobre o sol, ele já não é visto mais. Aqui, nós nos deparamos com uma sutil percepção que busca atingir, que de certo modo é a busca pelo tocar em si mesmo a plenitude do Absoluto, antes, durante e depois. Quando tal representação é cogitada isso implica em vários desdobramentos, ou seja:

O eixo objetivo da mística especulativa aponta tradicionalmente em duas direções o caminho para atingir o Absoluto: o caminho do *êntase* e o caminho do *êxtase*. Ou o caminho da descoberta do Absoluto no íntimo do Si substancial ou o caminho da sua descoberta no ápice da ordem ascendente dos seres. Em ambos os casos, o atingir assume a forma de um ver transracional [...]. O problema da linguagem da mística especulativa está, pois, intimamente ligado ao problema da sua natureza (Vaz, 2015, p. 39)

A partir dessa breve explanação sobre o Absoluto e sua substância a *coisa em si*, é seguro cogitar que o caminho do pilar central da *Otz Chiim*, pilar este que sustenta o equilíbrio entre a coluna da esquerda e a coluna da direita; é nesse caminho que se encontra no oculto do diagrama a sephirah, *Daat*, o conhecimento; em outras palavras: “a árvore da vida explica o universo relativo em todos os seus níveis. É o seu padrão arquetípico” (Halevi, 1973, p. 25). No entendimento de Warren, o diagrama permite que o conhecimento sobre o Universo da existência que antecede o fenômeno pode ser conhecido através de seu simbolismo.

²⁹ Para facilitar o nosso entendimento, propomos pensar o absoluto como uma entidade, dentro dos arquetípicos que nosso inconsciente entende.

Então, seria possível dialeticamente estruturar como o fenômeno acontece? O entendimento consensual que os estudiosos e cabalistas apresentam é que tal abstração é um Grande vazio que separa o triangulo supremo das três primeiras sephiroth (Keter, Chokmah e Binah) das demais. Diante dessa existência negativa encontra-se aquilo que é *oculto dentro do oculto*. Segundo Jung os arquétipos são determinados a partir do inconsciente coletivo, sendo assim a representação daquilo que não podemos ver, pode ser concebido como uma:

Figuração do mundo, representando a um só tempo a sedimentação multimilenar da experiência. Com ocorrer do tempo, foram-se definindo certos traços nessa figuração. São os denominados arquétipos ou dominantes - os dominadores, os deuses, isto é, configurações das leis dominantes e dos princípios que se repetem com regularidade à medida que se sucedem as figurações, as quais são continuamente revividas pela alma. Na medida em que essas figurações são retratos relativamente fiéis dos acontecimentos psíquicos, os seus arquétipos, ou melhor, as características gerais que se destacam no conjunto das repetições de experiências semelhantes, também correspondem a certas características gerais de ordem física. Este é o motivo pelo qual é possível transferir figurações arquetípicas, como conceitos ilustrativos da experiência diretamente ao fenômeno físico - ao éter, o elemento arcaico do sopro ou da alma, representado na imaginação geral, ou à energia, a força mágica - outra ideia universalmente difundida. (Jung, 1987, p. 86).

Se Jung estiver correto, por consequência da representação arquetípica, é possível dimensionar a existência negativa como se fosse, por exemplo, a título de elucidação, a pausa que antecede a música, isto é, aquele tempo que encontra-se indiferente da ação realizada pela música quando é reproduzida ou executada. Por esse entendimento, podemos ainda pensar que *Daat* não só se encontra-se no caminho por onde flui o *nous espiritual*, como também ela é a manifestação do conhecimento em-si. Caminhando um pouco mais dentro dessa discussão, o inconsciente dentro da psicologia analítica junguiana é visto como um gigantesco oceano que contém todas as informações pertinentes, necessárias ou não para estabelecer ligações e relações entre às experiências com as formas independentes por onde o entendimento acerca da sociedade, cultura e religião são acessados. Já os arquétipos, são as representações de figuras, sejam estas simbólicas ou reproduções expressivas de tudo que está armazenado no inconsciente. Como as deusas, o demônio ou no caso da kabbalah o diagrama da Árvore da Vida.

3.2. Primeiro véu - *Ain*

O contato com a tradição oculta pode ser direto e inconfundível. Como também pode ser indireto e perturbante. Esta é a linha insondável da conexão que os(as) estudioso(as) nunca encontram, pois tal conhecimento antes de ser fichado nos incontáveis livros, era transmitido

de forma oral. Assim, o caminho do conhecimento realiza-se primeiro com a palavra dita, segundo através da existência negativa do primeiro véu, o *Ain* – o nada. Se no início não havia nada, nem tempo e tampouco espaço, não havia nem leste, nem oeste, nem em cima, nem em baixo: o que havia? Esse *tremendum mysterium*, do ponto de vista metafísico, representa a Lei que manifesta o conhecimento. Melhor dito: “é o funcionamento da Realidade Originária do primeiro Mundo de Emanações, sendo eterna e inalterável” (Halevi, 1994, p. 92). A essência do mistério estaria na *alétheia*³⁰ que guarda o oculto de sua proveniência, ou talvez, resida na forma como o sentido se aproxima do conhecimento, melhor dito, para Beuque³¹, em todo mistério há o oculto que se mostra:

Sem esgotar a si mesmo e revelando que, além do que aparece, permanece o abrigo de sua escuridão. Mistério é o oculto que dá indícios de si – e por isso constitui um mistério. O que se esconde por inteiro não chega a se tornar um mistério porque dele não há nenhuma vestígio. O que se exhibe por completo, esse não guarda nenhum mistério dentro de si. Em todo o mistério tem que haver o claro e o oculto: a lembrança do inacessível que, guardando-se da luz, dá mostras de sua ausência (Beuque, 2004, p. 85).

O primeiro Véu, *Ain* – o nada é apresentado em-si-próprio por interseção da linguagem que busca demonstrar aquilo que está dentro do núcleo esotérico da kabbalah. Encontra-se em sua existência negativa a possibilidade, segundo Halevi, de o ser humano, “ser o que ele é. Espelho dos espelhos, a existência negativa permite, através de sua não-interferência” (1973, p. 25). Se por esse entendimento o ser é apenas um espelho através do qual o imanifesto contido no abismo, como ideia reflete também possíveis contradições. Aqui é possível identificar um retorno do *ente-imanifesto*, o que Hegel irá se debruçar até os confins da dialética que segue na direção do espírito absoluto.

Se o entendimento de Halevi estiver correto, é possível também associar o nada através de uma linguagem cotidiana que provocaria o entendimento daquilo que não é físico, ou seja, a permanência é “aprendida paradoxalmente a partir da existência autônoma e,

³⁰Heráclito de Efeso, foi o possível responsável pela criação da palavra Alétheia. Que na seara do pensamento heideggeriano é tão importante. Esta palavra teria dado a inspiração determinante às suas investigações e ao seu pensamento referente à verdade. Pois a base da construção da verdade na concepção ontológica existencial do pensamento de Heidegger. Trata como verdade está conotação que demonstra a força soberana da Alétheia, deixar-ser, isto é, ser-desencobrimiento. Para o grego: Alétheia é igual a desencobrimiento, para Heidegger ela representa o ser da verdade, “O significado literal de Alethéia como “dês-sencobrimiento”. Desencobrimiento é o traço fundamental daquilo que já apareceu e que deixou para trás o encobrimiento. Esse é o sentido do alfa que compõe a palavra grega Alethéia e que somente recebeu a designação de alfa privativo na gramática elaborada pelo pensamento grego tardio”. (Fragmento 16, p. 229)

³¹ Guy Van de Beuque, nascido no Rio de Janeiro, ☼ 11 de março de 1951 – †Índia, 27 de janeiro de 2004, foi professor do instituto de Filosofia da UFRJ. Diretor do Museu de Arte Popular Brasileira Casa do Pontal, no Rio de Janeiro.

simultaneamente, dependente de duas entidades: o ente como tal e o tempo” (Beuque, 2004, p. 183). Logo, se a existência é posta como uma simultaneidade que estar no *devir*, e se o conhecimento como percebemos acontece somente por intermédio das *faculdades do sentidos* (Kant), o entendimento acerca do primeiro véu pode, se e somente si, ser assimilado por consequência do modo como o Absoluto é reduzido àquilo que sempre É.

Em outras palavras, se o Absoluto passa a ser cogitado como um pensamento que é criado dentro da tradição mística, o mesmo também pode com o exercício do entendimento refletir sobre as leis que a realidade factual atribui para o Nada, diante disso a Árvore da Vida vai se tornando cada vez menos uma abstração externa e cada vez mais um organismo que emana vida de o Tudo permeia. Em síntese, esse primeiro véu apresenta como desafio ao entendimento racional o desprendimento da racionalidade para o abismo do conhecimento – *Daat*, para que dentro do vazio possa se encontrar algo. Ainda que o real seja sinônimo de meros objetos materiais, crenças limitantes, desejos, vontades, dentre outros. Podemos a partir do pensamento de José Laércio do Egito³², entender que tudo no mundo é:

Resultado de algum nível de vibração de uma essência primeva, consequentemente, as únicas realidades existentes no Universo são: UM MEIO ESSENCIAL EM VIBRAÇÃO, de natureza passiva e que poder ser representada graficamente como um das pontas de um triângulo; e a outra condição, de natureza ativa, que sabemos ser capaz de fazer vibrar aquele primeiro elemento, e que pode ser apresentado pela segunda ponta do triângulo. Finalmente da interação entre aquelas duas polaridades resulta a terceira ponta do triângulo, que é a manifestação de tudo aquilo que existe, porém, de forma dinâmica que jamais poderá ser concretizada com *a coisa em si* (Egito, 2019, p. 125-127).

No tocante ao exposto, com auxílio do professor Vaz, o entendimento que dispomos sobre a natureza do tempo enquanto infinita vibração, tal leitura se desenvolve “nas modernas versões filosóficas da mística, de um lado, dizem respeito à estrutura da alma e da inteligência e aos degraus correspondentes para a subida contemplativa” (2015, p. 40) como representação necessária que constitui o fundamento de todas as intuições mítico-religiosa-filosófica. Como forma de elucidar essa abstração, pensemos a figura do pilar direito – da Árvore da vida – a

³² José Laércio do Egito, nascido em Pernambuco, ☼ 09 de agosto de 1932 – †Recife, 13 de outubro de 2014. Formou-se em medicina pela Universidade Federal de Pernambuco em 1959, na época conhecida como Faculdade de Medicina da Universidade do Recife. Foi o primeiro médico a usar Florais de Bach no Brasil, ainda na década de setenta chegando a publicar um artigo na Revista da Associação Paulista de Homeopatia sobre os Florais de Bach no ano de 1976. Já em fase avançada de sua idade, permaneceu filiado as seguintes organizações: membro da Ordem Rosa-Cruz AMORC desde 1967 / Membro ativo da Loja Maçônica de Lyon na França / membro da Ordem Kabbalística da Rosa-Cruz na França / Membro da Ordem Céltica da Bretanha / Membro da V.º.O.º.H.º. - Venerável Ordem Hermética, ramo atual do Hermetismo / Membro do C.E.B.U.D.V. – Núcleo Pau d’Arco com o grau de Mestre / Membro do Círculo Mágico Argentino.

restrição, seu significado por si mesmo já expressa o que é, isto é, restringe ações, impulsos, desejos e vontades que não são condizentes com um equilíbrio interno e subjetivo de cada sujeito. No pólo oposto, com o auxílio de Jung temos no “*inconsciente coletivo*” a representação da expansão coletiva sobre os mistérios da criação, dessa maneira podemos cogitar que o Universo estará necessariamente presente em toda ocorrência do fato místico, pois a contemplação é o termo normal da experiência mística.

Logo sua ordem, seu padrão, sua emanção fluída, encontra-se reduzido tanto pela forma do símbolo que o encerra – *Otz Chiim*, quanto dentro da própria dialética esotérica. Assim, é possível, à primeira vista, evocar as chaves contidas na Árvore para que seus caminhos possam ser acessados pelo entendimento que almeja conhecer.

3.3. Segundo véu - *Ain Soph*

A Kabbalah sempre foi um processo contínuo, enquanto tradição viva ela pode se manifestar de muitas maneiras, contudo há duas amplas formas de se abordar tais estudos, tanto dentro quanto fora de cada linha. Segundo Halevi a primeira abordagem é “da instrução, a outra a da revelação, correspondendo aos dois pilares externos da Árvore da vida, pois não só o Universo” (1994, p. 85). A primeira abordagem pode ser melhor entendida como se fosse uma melodia que é ensinada dentro por um método de orientação, leituras e práticas gradativas que permite ao estudante uma disciplina para assimilar seus caminhos. O segundo entra no viés da teologia, logo o conhecimento que em origem surge do nada, é manifestado e passado adiante com auxílio de uma figura arquetípica, por exemplo, o arcanjo Metatron. Dentro dessa esfera, a estrutura do pensamento do professor Kenton apresenta o *maggid*, que é um espécie de líder, professor, para orientar o conhecimento até o estudante. Nesse ínterim, ele nós informa que o diagrama da Árvore da vida é um:

Diagrama dos sefirot, ou Princípios Divinos que governam a Existência Manifesta. Ela contém, e isso é constantemente repetido até ser aprendido, o conceito de Unidade e Dualidade, a ideia da Trindade Criativa, dos Quatro Mundos e do desdobrar da oitava do Relâmpago entre o Um e o Tudo, e de novo volta. Seu desenho inclui também as várias leis menores das tríades ativas e passivas e os vários níveis do ser no eixo central da consciência (Halevi, 1994, p. 92).

Nosso interesse, com auxílio do fragmento, se fixa *no eixo central da consciência*, esse entendimento que se apresenta é o ponto que nosso trabalho busca apresentar, a consciência manifestada no pilar central do diagrama como sendo a mesma consciência que no entendimento de Kant é pensada como uma razão, cujos “conceitos da razão servem para

conceber, assim como os do entendimento para entender (as percepções). Se os primeiros contêm o incondicionado, referem-se a algo em que toda a experiência se integra, mas que, em si mesmo, não é nunca objeto da experiência” (2001, A. 311). Com apoio desse fragmento, podemos adentrar o segundo véu – o sem limites. Porque se tomamos como pressuposto os conceitos da razão, estamos considerando que aquilo que é incondicionado deve passar a ser condicionado para que o entendimento possa mensurar minimamente aquilo que não dispõe de limites.

Se tal entendimento, por associação, possa vir a conter a Árvore Sefirótica, também é possível que através do impulso advindo do *Ain* - o nada permite que *nous espiritual* seja conduzido através da carruagem - Merkabah³³; em outras palavras, “o vazio final, começa a sair do nada para o sem limite, ou infinito, onde há algo que é sem fim” (Halevi, 1973, p. 25). Nesse caso, é inteiramente impossível conceber uma *ousía*³⁴ tão infinita e tão abstrata como o *Ain Soph*. Tal característica pode ser posta em operação para que a mente com auxílio do diagrama possa acessar o *nous espiritual* necessário para explicar, todavia, o conhecimento que a tradição esotérica cabalística têm. Por esta lente é oferecido uma percepção que se depara com o:

Mistério, o inalcançável possui uma face visível que torna presente sua ausência, sem eliminá-lo. O mistério é o ausente-presente. O ausente, isso é o fundamental em todo mistério, é indissociável do que se apresenta. O oculto não constitui “um outro”, separado do que se revela. O oculto é o próprio que se mostra, o ausente é o que se apresenta como ausência. No mistério está sempre *presente* o inatingível, o ausente à percepção do pensamento (Beuque, 2004, p. 85).

Para a metafísica e para a ciência esse mistério se configura como um acidente que não supera a imprevisibilidade da essência da Vontade por aquilo que é sem limite seja configurado como causa subjacente de ambos; seja como força, seja matéria. Pensar a causa primeira daquilo que só existe por intervenção da ‘palavra essencial’ e do símbolo, por nós é entendido e postulado a partir do desvelamento do conhecimento contido no oculto do abismo – *Daat*, que por incidência da própria essência – o Nada, apresenta um centro que não é fixo, no entanto, como um espelho que recebe a ação da Luz – o entendimento reflete algo incriado.

³³ O significado de Merkabah dentro da Tradição judaica significa carruagem. É o veículo narrado dentro do Talmud, “onde os seus viajantes são conduzidos ao trono de Deus” (Halevi, 1994, p. 18).

³⁴ Ousía é síntese da composição do particípio presente *ón* (do verbo ser) com o sufixo -ia. De modo que remete à qualidade acerca do tema a que se sobre põe, em outras palavras ousía expõe a qualidade do que é, assim é possível representar o ente que não se vê.

Encontramos na filosofia transcendental de Kant, a partir *dos conceitos puros do entendimento ou das categorias* um caminho que nós permitiu avançar um pouco mais nessa explanação, sobre aquilo que é *sem limite*, sem correr o risco de cometer um anacronismo. Deste modo, o velho idealista explica que “a forma dos juízos (convertida em conceito da síntese das intuições) produziu categorias, que dirigem todo o uso do entendimento na experiência” (B. 378). Logo, os conceitos puros fornecem ao entendimento outros conceitos que permitiriam um conhecimento empírico de objetos.

Como nosso objeto emana do nada e segue rumo ao *‘infinito e além’*, é seguro considerar sua tabua de categorias, onde a *modalidade* (B. 96) é posta como meio para pensarmos aquilo que não se encontra e apresenta uma *impossibilidade* de existir. Tal existência de um *não-ser* se defronta com uma necessidade interna em-si-mesmo que desenvolve uma *contingência* daquilo que nunca-deixou-de-ser. Isto é, temos dentro do limite que o entendimento dispõe a percepção de um Nada que é desprovido de algo, em vista disso, a sua causalidade torna-se realidade quando n’le, o princípio forma um fluxo que desenvolve algo sem forma, porém é substancialmente indivisível e preenchido por uma inteligência espiritual que foi submetida, a partir de Descartes, à:

Inflexão *noética* determinada pela primazia gnosiológica e, por conseguinte, ontológica do sujeito, em cuja imanência é absorvida a dimensão transcendente do Ser. A cultura profana dos tempos modernos assiste, desta sorte, a uma *secularização* da mística, desenvolvendo-se em várias direções e atingindo primeiramente a mística especulativa na sua intenção de alcançar uma forma *supradiscursiva* ou *intuitiva* do conhecimento do Absoluto (Vaz, 2015, p. 50).

Por esse fragmento, o professor Henrique nos explica como o princípio da modalidade é aplicado para entender de forma analítica aquilo que é objeto de estudo da mística e que hodiernamente encontra-se em degeneração ou corrompido. Toda explicação é desenvolvida com auxílio da linguagem, portanto, para o filosofo toda experiência necessariamente deve-se originar do próprio conteúdo emanando uma significação profunda da mística especulativa. Sabendo disso, a linguagem cabalista parte de dois princípios, que segundo Halevi manifesta e permite que o sujeito aborde o “Conhecimento Objetivo sem qualquer ideia preconcebida” (1994, p. 96) e o segundo é dedicado ao conhecimento subjetivo que parte do encontro com outros envolvidos “na obra da carruagem” (1994, p. 97). Esse segundo princípio a qual se refere entra em perspectiva com aquilo dito por Immanuel sobre experiência que antecede os objetos do conhecimento. Em suma, a dimensão mística a qual o segundo véu encontra-se pode ser também entendida com auxílio de uma experiência mística

vivenciada com uma expansão de consciência, em outras palavras *Ain Soph* permanece encoberto até o limite entre o real, o racional e o *nous espiritual*. Assim entendemos que um mistério é necessariamente uma sombra que paira sobre o pensamento.

3.4. Terceiro véu - *Ain Soph Aur*

Nesse momento, é conhecido a unidade por onde o Nada - Ain - concebe aquilo que é sem limite, e que a partir de si-próprio, na mística cabalística apresenta dentro dos conceitos que geram o entendimento na razão um árbitro final no que diz respeito a tais questões metafísicas. Para tanto, emerge *a luz sem tempo, Ain Soph Aur*. Com auxílio da tradição filosófica é possível contestar e não aceitar como afirmação a existência de algo sem experiência. No entanto, o esforço por manifestar explicações racionais para um centro cósmico de esplendor surgido no espaço, também se configura como uma Filosofia da Mística.

Logo, o *Ain Soph Aur* enquanto símbolo não expõe uma maior necessidade tal qual a palavra precisa para falar de algo que não existe materialmente fora do núcleo esotérico da Kabbalah. Mas na cosmovisão judaica não só existe, como também permite com outras formas de existências surjam de si.

Desde Aristóteles, a metafísica afirma que o *ente* se diz em vários sentidos. Sua busca tem sentido, entretanto, a de encontrar um único fundamento unificante provoca um desdobramento da ideia que concebe a essência primeira. Uma aproximação com o Absoluto é executado através do diagrama *Otz Chiim*, além de ser postulado como a Vontade de manifestação que outorga o emergir da luz fora tempo, para que aconteça aquilo que não se encontra dentro do limite, consequentemente nasce o Nada. “Além disso há coisa alguma e ainda há o Absoluto. Esses três estágios constituem um estado condensado, cristalizado, fora do ser que penetra o conjunto do todo” (Halevi, 1973, p. 25-26). Isso que Halevi afirma existir, ainda que de forma condensada, pode ser melhor expandido a partir da correlação com o pensamento de Beuque, sobre o princípio e como sua origem pode ser entendida a partir da árvore que:

Se dá como um entrelaçamento de apontamentos. Mas a descrição do essencializar-se do ente não se limita a isso. O entrelaçamento esclarece o modo como se unem as diversas perspectivas em se mostra a unidade, justificando, em consequência, os modos de inseparabilidade e pureza em que a essência da unidade é concebida pelo senso comum (Beuque, 2004, p. 177).

Por este entendimento, e consoante àquilo que encontra-se na dimensão metafísica da *Qabalah*, ou seja, aquilo que se descreve como *oculto*, e é representado por intermédio dos símbolos das *sephiroth*, emana do vazio sem fim apresenta o fenômeno dos *três véus da existência negativa*. Que para a mística cabalística são os alicerces do Absoluto; durante essa representação simbólica a linha teórica que provoca a imanentização da mística especulativa apresentando caminhos que nascem na antiguidade esotérica e desembocam em contemporâneos caminhos de um conhecimento místico-filosófico-cabalístico tanto em Dion Fortune quanto Z'ev ben Shimon Halevi. Outrossim, a filosofia da religião ficará a cargo de Scholem com sua Kabbalah científica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, este trabalho buscou apresentar três percepções sobre a Kabbalah, a primeira tratou em demonstrar o entendimento que Dion Fortune tem sobre a *Cabala Mística*, como sendo um organismo que vive e possui um espírito. Para esse entendimento foi necessário recorrer a Blanchot para dimensionarmos o conceito da palavra dita, e da “palavra essencial”, pois no universo cabalístico a palavra encerra aquilo que não tem limite, logo ter esse parâmetro estabelecido nos permitiu avançar no labirinto do pensamento de Fortune. Além disso, foi preciso estabelecer uma dimensão do símbolo, com auxílio de Bourdieu foi possível acessar o campo simbólico.

Diante do misticismo de Dion e da filosofia teológica de Halevi, apresentamos o equilíbrio que sustenta os dois caminhos, em outras palavras, os pilares do conhecimento, isto é, Scholem. O cientista da religião é chamado para o debate por consequência de sua contumaz crítica ao fenômeno sionista, ao messianismo assim como ao misticismo. Em seu entendimento, a história da kabbalah se encontra fracionada a períodos e aos expoentes do tempo em foram pensadas. Nesse prospecto, encontramos sob seu crivo uma percepção metódica acerca daquilo que a mística conserva, isto é, ele faz um caminho histórico, crítico e filosófico da linguagem cabalística. Nessa extraordinária formulação, ele, procura descrever seu próprio trabalho enquanto historiador. De modo que Scholem é um anarquista porque acredita que o caráter obrigatório da Revelação para um corpo coletivo desapareceu.

Feito essa pavimentação, nosso trajeto buscou apresentar de forma sintética as sephiroth que compõe o diagrama da Otz Chiim, com ênfase em *Daat* que conserva em si

possíveis desdobramentos, com isso nosso trabalho pôde expor de forma segura o percurso do entendimento místico e esotérico da autora. O que não é nosso interesse nesse momento. Violet Mary exerceu um importante papel enquanto celebre ocultista que foi no seu tempo. Considera-se que seu pensamento é como um labirinto cuja entrada é fácil, todavia encontrar a saída demanda desenvolvimento. Não obstante, reconhecemos sua importância que não pode ser apagada do curso do tempo, pois foi a partir de seus escritos – século XVIII – que a ciência esotérica contida na Kabbalah pôde ser melhor assimilada nos dias atuais, conforme as palavras da autora: “no que respeita ao poder da imaginação visual, nós, ocidentais, nos encontramos numa lamentável ignorância (Fortune, 1957, p. 253).

De acordo com suas palavras podemos pensar que o conhecimento esotérico segue desenvolvendo-se tanto como um organismo vivo, quanto por aqueles que escolhem adentrar nesses nichos de conhecimento. Assim, conhecer minimamente a *Cabala Mística* permite que o aspirante, neófito, estudioso ou mesmo o curioso acesse profundos níveis de um núcleo filosófico esotérico da Cabala; através de uma subida prática, simbólica, meditativa (isto é, através do estudo) e filosófica o diagrama da Otz Chiim se abre aos olhos do entendimento. Podemos, então, reconhecer que a autora dentro do que foi permitido pelos mestres do conhecimento, apresenta uma chave de acesso dos rituais que marcam o universo fenomenológico do misticismo kabalístico.

Com relação ao professor e rabino Halevi, sua teologia da mística kabalística, contempla a dimensão epistêmica do saber esotérico. O que representa outro grande oceano a ser navegado. Em face disso, como âncora, nos aportamos no conhecimento filosófico do professor Vaz sobre o conceito de mística, dentre vários pensadores que apresentam outras leituras sobre tal ideia, a mística especulativa de Vaz nos oportunizou uma estabilidade durante algumas turbulências em águas desconhecidas, assim como também permitiu que contemplássemos aquilo que se encontra contido no oculto do símbolo. Destarte, nossa leitura buscou apresentar uma análise fenomenológica e hermenêutica do conhecimento esotérico em-si. Pois identificamos a ausência de um corpo linguístico que pudesse acessar a ideia central contida nos *três véus da existência negativa*. Por isso que as faculdades do entendimento foi útil para nós, pois foi possível apresentar ao pensamento o conceito de vazio abstrato contido em Daat.

Halevi aborda uma dimensão da teologia judaica que não pode ser considerada ou pensada fora do que é, porém o desafio que encontramos para falar sobre o nada – *Ain*, o sem limite – *Ain Soph* e a luz sem fim – *Ain Soph Aur*; encontrou nos limites da linguagem o entendimento disposto em categorias necessárias, tal como a “*modalidade*” para que fosse

possível expor nossa chave de leitura acerca do que depuramos. Ou seja, dentro da cosmovisão judaica existe incontáveis caminhos e planos de entendimento que são sobrepostas e, por sua vez, também sobrepõe as bases do entendimento ocidental convencional.

Conclui-se que a Cabala é um caminho tanto alegórico e místico, quanto esotérico e possível que se encontra dentro da cosmovisão judaica. Contudo, tal trajeto afluente é livre para seguir distante dos fundamentos teológicos judaicos caso assim seja percorrido como também seu percurso pode ser seguido para o oriente mais longínquo daquele (a) buscador (a), estudante, adepto (a), iniciado (a), cientista, estudioso (a) ou não. Ambos os autores possuem um fio que os conecta, ao passo que também os conduzem a formas simbólicas para pensar o pensamento contido nos símbolos, esse fio condutor por nós é entendido como o *nous espiritual*.

REFERÊNCIAS

- BEUQUE, V, G. **Experiência do Nada como Princípio do Mundo**. Rio de Janeiro, Mauad, 2004.
- BIALE, David. **Cabala e contra-história: Gershom Scholem**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BLANCHOT, M. **O Espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BOURDIEU, P. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- EGITO, J. Laércio. **A mente, tomo I**. João Pessoa: Cabeça, 2019.
- ELIADE, M. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FALBEL, Nachman. **O Sabatai Tzvi de Gershom Scholem**. Revista USP, 1995, pp. 206-214.
- FORTUNE, D. **A Cabala Mística**. Trd- Mário Muniz de Ferreira, São Paulo: Pensamento, 1957.
- HEIDEGGER. **Ensaio e Conferências, Alétheia**. São Paulo, Abril Cultural, 1973.
- JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo**. Trad. Maria Luiza A, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.
- JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente**. Trd. Maria Luiza A. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987.
- JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Concepção e organização Carl G. Jung. (Trad. Maria Lúcia Pinho). 3. ed. Rio de Janeiro-RJ: Harper Collins Brasil, 2016.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujao. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

NILO, Luza. **Uma introdução ao Pentateuco** [livro eletrônico]. – São Paulo: Paulus, 2019.

SCHOLEM, G. **As grandes correntes da mística judaica**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. **Kabbalah**, Keter Publishing House. Jerusalem Ltd, 1974.

_____. **O nome de Deus, a teoria da linguagem e outros estudos da cabala mística: judaica II**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. **On the Kabbalah and its Symbolism**. Translated Ralph Manheim. Schocken Books, New York, 1969.

REGARDIE, I. **Magia Hermética**: A árvore da vida, um estudo sobre a magia. Trad. Márcio Pugliesi, São Paulo: Madras, 2003.

VAZ, L, C, H. **Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental**. São Paulo, Edições Loyola, 2015.

WARREN, K. **O caminho da Kabbalah**/Z'ev ben Shimon Halevi; tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Siciliano, 1994.

WARREN, K. **A Árvore da Vida (Cabala)** /Z'ev ben Shimon Halevi; tradução Luís Carlos Lisboa. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

WARREN, K. **Escola de Kabbalah**/Z'ev ben Shimon Halevi; tradução Maria Regina Nogueira. São Paulo: Siciliano, 1991.